



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL DO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**NOME DO ALUNO(A):** LARISSA NICOLOSI DA SILVEIRA  
**TÍTULO:** MORTE E VIDA CURITIBA: LIVRO-REPORTAGEM SOBRE  
O CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA.

**LOCAL E DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:**

Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR,  
realizada na sala 4, no dia 28/11/19, às 19h00.

<b>BANCA EXAMINADORA – PROFESSORES</b>	<b>NOTA</b>
JOSÉ CARLOS FERNANDES (orientador)	100
VALQUÍRIA MICHELA JOHN	100
CLARISSA GRASSI (convidada)	100
<b>MÉDIA FINAL:</b>	100

<b>BANCA EXAMINADORA</b>	<b>ASSINATURA</b>
JOSÉ CARLOS FERNANDES	<i>José Carlos Fernandes</i>
VALQUÍRIA MICHELA JOHN	<i>Valquíria John</i>
CLARISSA GRASSI	<i>Clarissa Grassi</i>

Curitiba, 28 de novembro de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LARISSA NICOLOSI DA SILVEIRA

**MORTE E VIDA CURITIBA**

**Uma incursão jornalística pelo fenômeno das visitas guiadas no Cemitério  
Municipal São Francisco de Paula**

CURITIBA

2019

LARISSA NICOLOSI DA SILVEIRA

**MORTE E VIDA CURITIBA**

**Uma incursão jornalística pelo fenômeno das visitas guiadas no Cemitério  
Municipal São Francisco de Paula**

Projeto de produto e documento monográfico apresentado como requisito parcial à obtenção de bacharel no curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná (Sacod UFPR).

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Fernandes

CURITIBA

2019

*Para Ana Carolina Menon (em memória),  
aos mortos e aos vivos do Cemitério  
Municipal São Francisco de Paula*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e à Universidade Federal do Paraná. A chance de vivenciar a universidade pública é uma honra gigantesca. Defenderei sempre a oportunidade de um estudo de qualidade e gratuito para todos.

Agradeço também minha família por estar ao meu lado e se colocar à disposição do que eu precisasse. Não fazer barulho é uma tarefa árdua para uma casa com cinco pessoas, mas em prol do TCC os meus fizeram isso acontecer. Agradeço também à família do meu namorado, por me acolher em todo o processo e me fazer rir muitas vezes. Obrigada por sempre darem um jeito.

Sou grata pelos meus amigos, em especial Bárbara Tanaka, que deu vida e cor ao livro, Alisson Stasiak, Eleonora Mendonça, Jeniffer Gutierrez, Larissa Abrão, Larissa Scremin, Luana Furtado, Mariana Rosa, Monique Portela, Pedro Macedo e todos que me deram um apoio essencial para este projeto. Obrigada por ouvirem áudios enormes e a palavra “TCC” por pelo menos mil vezes.

Agradeço ao meu orientador José Carlos Fernandes por, acima de tudo, ser um amigo. Sem a sua dedicação e alegria pelo jornalismo a minha trajetória acadêmica não teria tanta graça. Você é um reflexo do que quero ser na profissão. Obrigada pelos chazinhos, conversas sobre tudo e emojis engraçados no WhatsApp.

Obrigada à Clarissa Grassi e Valquíria John. Clari, eu acho incrível quando trocam nossos nomes, se eu for um pedacinho do que você é, já fico feliz. Quero lutar pela preservação cemiterial assim como você. Val, obrigada por confiar em mim e me incentivar em tudo, desde o primeiro obituário até agora.

Agradeço imensamente ao meu namorado, Paulo Berbeka, sem ele as aventuras não seriam as mesmas. Obrigada por olhar meus sonhos com tanta ternura. O seu cuidado e o seu carinho pelo que me faz feliz enche a minha vida. Inegavelmente, obrigada pela paciência e pelos chocolatinhos.

*“O assunto da vida e da morte é o mais importante de todos, a vida é impermanente e o tempo passa rapidamente, não desperdice a sua vida em vão.”*

Frase recitada em templos Zen budistas após a última meditação do dia

## RESUMO

O costume de enterrar os mortos é exclusivo dos seres humanos. A recepção da morte muda conforme as épocas e, conseqüentemente, a relação da sociedade com os cemitérios, espaços de sepultamento. Num momento em que a negação da morte e a constante ideia de fingir que ela não existe está em alta, um fenômeno vem na contramão: as visitas guiadas no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba, Paraná, atraem cada vez mais participantes.

Este fenômeno é estudado na presente pesquisa, que envolve também o papel do cemitério como reflexo histórico da construção de Curitiba. Concorrem para tanto as tipologias tumulares, seus mortos e as ampliações do local. Para tocar nessas questões, o trabalho propõe a produção de um livro-reportagem que conte histórias do cemitério, das curiosidades que permeiam o espaço aos visitantes, além de como as relações com a morte e, sobretudo com o cemitério, podem mudar com a proposta das visitas guiadas.

O documento monográfico e o livro são resultados de mais de 50 horas de incursões às visitas guiadas e em passeios individuais pelo espaço. Foram feitas duas pesquisas, com total de 308 respostas e cujos resultados são aqui analisados; além disso, 5 entrevistas em profundidade e 9 entrevistas curtas. A revisão bibliográfica teve como base, em especial, os autores Philippe Ariès e Clarissa Grassi.

**Palavras-chave:** Livro-reportagem. Cemitério. Visitas guiadas. Morte. Jornalismo literário.

## ABSTRACT

The habit of burying the dead is unique of humans. The reception of death changes according to times and, consequently, a relationship of society with cemeteries, the burial spaces. In a time when the denial of death and the constant idea that it does not exist rises, a phenomenon occurs in contrast: guided tours in the São Francisco de Paula Municipal Cemetery in Curitiba, Paraná, which attracts more and more participants.

This phenomenon is studied in the present research, which also involves the part of the cemetery as a historical reflection of the construction of Curitiba. They compete for both tomb types, their dead, and local enlargements. To address these issues, the work presented in the production of a report book that tells stories of the cemetery, the curiosities that permeate it or the space to visitors, as well as relationships with death and, especially with the cemetery, can change with a proposal of the visits. guided tours.

The monographic document and book are the result of more than 50 hours of forays into guided tours and individual spacewalks. Two surveys were made, with a total of 308 responses and the following results analyzed here; In addition, 5 in-depth interviews and 9 short interviews. The literature review was based in particular on authors Philippe Ariès and Clarissa Grassi.

**Keywords:** Book-report. Cemetery. Guided tours. Death. Narrative journalism.



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Gustave Doré - <i>Dom Quixote de Cervantes</i> (1863).....	18
FIGURA 2 – DISPOSIÇÃO ATUAL DA ENTRADA DA PRAÇA.....	35
FIGURA 3 – FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES.....	50
FIGURA 4 – IMPACTO DA VISITA.....	50
FIGURA 5 – GÊNERO DOS PARTICIPANTES (PESQUISA 1).....	51
FIGURA 6 – DEFINIÇÃO DE EXPERIÊNCIA.....	52
FIGURA 7 – PARTICIPARIA NOVAMENTE.....	53
FIGURA 8 – VISITAS QUE JÁ COMPARECEU.....	53
FIGURA 9 – TEMAS DE INTERESSE PARA VISITAS GUIADAS.....	54
FIGURA 10 – GÊNERO DOS PARTICIPANTES (PESQUISA 2).....	56
FIGURA 11 – FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES.....	56
FIGURA 12 – SATISFAÇÃO COM A GUIA.....	58

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – LISTA DE FONTES.....	59
TABELA 2 – CRONOGRAMA PARA REALIZAÇÃO DO PROJETO.....	62
TABELA 3 – DIVISÃO CAPITULAR.....	63

## **LISTA DE SIGLAS**

**CMSFP** – Cemitério Municipal São Francisco de Paula

**PMC** – Prefeitura Municipal de Curitiba

**SFM** – Serviço Funerário Municipal

**SMMA** – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

**UFPR** – Universidade Federal do Paraná

**USP** – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2. A MORTE</b> .....	<b>16</b>
2.1 A CRENÇA NA ETERNIDADE .....	17
2.1.1 A morte como fenômeno social e psíquico.....	20
2.2 OS RITOS FÚNEBRES .....	21
2.3 A CRIAÇÃO DOS CEMITÉRIOS .....	26
<b>3. O CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA</b> .....	<b>30</b>
3.1 O PRIMEIRO CEMITÉRIO PÚBLICO.....	30
3.2 CIDADE DOS MORTOS.....	32
3.2.1 Organização.....	32
3.2.2 Tipologias tumulares .....	35
3.3 AS VISITAS GUIADAS .....	38
<b>4 JORNALISMO EXTENSIVO: TEORIAS PARA UM JORNALISMO EM PROFUNDIDADE</b> .....	<b>41</b>
4.1 JORNALISMO LITERÁRIO.....	41
4.2 LIVRO REPORTAGEM.....	44
<b>5. METODOLOGIA</b> .....	<b>47</b>
5.1.1 Primeira incursão .....	49
5.1.2. Segunda incursão .....	55
5.2 ENTREVISTAS.....	59
5.3 CRONOGRAMA .....	61
<b>6. MORTE E VIDA CURITIBA: PROJETO DE UM LIVRO</b> .....	<b>63</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>68</b>
<b>APÊNDICE A - ENTREVISTA COM CASSIANA LACERDA CAROLLO</b> .....	<b>71</b>
<b>APÊNDICE B - ENTREVISTA COM CLARISSA GRASSI</b> .....	<b>73</b>

<b>APÊNDICE C - ENTREVISTA COM KEY IMAGUIRE JR .....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE D - ENTREVISTA COM MARCELO SUTIL.....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICE E - ENTREVISTA COM SANDRA STOLL .....</b>	<b>82</b>
<b>ANEXO 1 - PESQUISA 1.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO 2 - PESQUISA 2.....</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano é o único que tem a necessidade de enterrar seus mortos (GRASSI, 2016), e as formas de “esconder” esses corpos e lidar com eles mudam conforme as culturas se estabelecem. Primeiro, enterrava-se no quintal de casa; depois os mortos foram colocados para fora das cidades até serem repousados novamente perto, nas igrejas, até chegarem na forma mais comum de sepultamento: nos cemitérios dentro das cidades. Esses espaços foram colocados como campos santos no meio do cal e pedra urbano. Os mortos iam e voltavam, enquanto os vivos se aproximavam e fugiam da ideia da morte, numa espécie de ciclo.

Parece uma linha do tempo curta, mas muito precisou ser feito para chegar aos dias atuais e, por exemplo, haver cemitérios espalhados pelo país e enterros com preocupações sanitárias. Em Curitiba, tem-se 24 cemitérios, cinco municipais, três israelitas, um muçulmano, um luterano, sete paroquiais, um santuário, um cemitério exclusivo para uso do convento carmelita, quatro cemitérios parque e ainda existe uma necrópole vertical (SMMA, 2015). Diante da diversidade de formatos e distribuições, deparamo-nos com um misto de história e arquitetura da cidade e também uma relação de afastamento e proximidade com a morte – seja a morte de si mesmo ou a do próximo, conforme as culturas mudam.

A proximidade com os mortos nas fases que foram estudadas neste trabalho possui ligação com o temor e o medo. Em relação ao memorial teórico, o autor base é o historiador francês Philippe Ariès, referência no tema morte e de suas interfaces. Ariès é fonte para outros autores que também tratam do tema e foram estudados para este trabalho monográfico. Primeiro, agradava-se os mortos com oferendas para evitar problemas na família e assombrações; depois, a partir da ascensão do cristianismo, a preocupação em cuidar dos mortos existia desde quando a pessoa ainda estava viva, a fim de garantir seu “pedacinho reservado no céu” (EIRE, 2013). Já o afastamento coincide também com o medo (ELIAS, 2001), mas não necessariamente o medo do depois, mas sim com o impacto da morte em si, tornando o tema e suas vertentes um tabu na sociedade, como será explicado no andamento dos capítulos.

O Cemitério Municipal São Francisco de Paula (CMSFP) é o mais antigo da capital paranaense, surgido em 1854 e reflexo das famílias que fizeram história no Paraná. Conta em 2019 com 5.743 túmulos (GRASSI, 2016). A construção surgiu a partir da implantação da corrente higienista<sup>1</sup> europeia, marcada pela preocupação com problemas ambientais e sanitários, além de ser um momento em que a relação com os mortos e a morte voltou a ter uma espécie de distanciamento. O CMSFP é o foco desta pesquisa, que pretende analisar as questões históricas, arquitetônicas e sociais inseridas na “necrópole”, incluindo a relação atual das pessoas com a morte a partir do grande impacto social e cultural das visitas guiadas no CMSFP, conduzidas pela pesquisadora cemiterial Clarissa Grassi, uma das fontes deste Trabalho de Conclusão de Curso.

O estudo redundou na produção de um livro-reportagem que conta desde a criação do Cemitério Municipal São Francisco de Paula até agora, século XXI. Para fazer essa trajetória, é necessário familiarizar o leitor com a cultura da morte, os processos de recepção da morte na sociedade. A partir dessa integração, é possível usar o mote do sucesso das visitas guiadas num momento em que morte é um assunto evitado. Além disso, são abordadas as tipologias tumulares, a representação social existente no cemitério e, também, o impacto sociocultural desse espaço na cidade de Curitiba.

O livro é escrito com base nas teorias de livro-reportagem e jornalismo literário, tendo entre os principais autores Edvaldo Pereira Lima, Sergio Vilas-Boas, Felipe Pena, Angélica Weise e Eduardo Belo.

A relação de importância do local para recontar o crescimento da capital paranaense se faz presente no texto, junto do reflexo disso para o processo de tombamento que está sendo viabilizado em 2019. O livro tem linguagem literária, contando com entrevistas com funcionários e visitantes, de modo a oferecer informações passíveis de fundamentar o fenômeno do interesse do público pelas visitas guiadas e, por tabela, pelo CMSFP. As visitas guiadas da mestra em Ciências sociais, pesquisadora de arte cemiterial e relações públicas Clarissa Grassi acontecem desde 2011, mas só foram oficializadas em 2016, com o início da gestão do prefeito Rafael Greca de Macedo.

---

<sup>1</sup> Por higienismo europeu se entende a necessidade de repensar os moldes da cidade a partir das necessidades da saúde pública, visto que era necessário criar uma forma de combater as epidemias.

O produto está majoritariamente em formato de reportagem e em pequenos pontos aposta em histórias curiosas e também depoimentos de figuras que fazem parte do cotidiano do CMSFP. O objetivo é mostrar o que pode parecer contraditório numa primeira lida: quanta vida há no cemitério; a partir desse local se pode conhecer a cidade dos vivos e entender contextos das épocas passadas a partir de epitáfios, construção tumular, adornos e características demarcadas pelos “bairros” que o indivíduo está enterrado.

Outro ponto conferido na pesquisa é a continuação do ciclo afastamento-proximidade da sociedade com a morte, a naturalidade com que os indivíduos lidam e a aceitam, e como se pode analisar o período atual, dada a curiosidade dos que fazem *tours* nas visitas guiadas e que buscam conhecer os outros lados do cemitério. Esse movimento se dá num momento em que cultos online estão sendo cada vez mais difundidos e velórios se mostram cada vez mais curtos, práticas reforçadas pelo advento da cremação – as cinzas recebidas pela família geram um novo ritual, privado, familiar e de tempo indeterminado.

Foram usadas duas pesquisas em formato de formulário, mais de 14 apoios bibliográficos para montar o material monográfico, além de três entrevistas para compor e entender melhor o cenário específico curitibano na análise. As pesquisas de campo não ficaram de fora, acontecendo em algumas visitas guiadas e também fora delas, em dias de semana, para entrevistas com os funcionários e análises de ambiente.

O capítulo 2 desta monografia trata da morte na perspectiva dos ciclos de aproximação e distanciamento, além da relação do indivíduo com a criação dos cemitérios. O recorte terá como ponto de partida o período medieval e se estenderá até o início do século XXI. Os temas serão abordados numa vertente ocidental.

O capítulo 3 é dedicado ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula, a partir de um resumo geral da distribuição cemiterial em Curitiba. O CMSFP está descrito a partir de seus marcos historiográficos, passando brevemente pelas figuras históricas ali sepultadas, com ênfase ao programa de visitas guiadas.

O capítulo 4 explora o jornalismo extensivo e os conceitos de jornalismo literário e livro-reportagem, usados na construção do material final proposto. Por fim, a metodologia e o projeto do produto conversam entre si para explicar o



processo de pesquisa, inserção, prospecção e entrevistas feitas para a realização do memorial teórico e do livro-reportagem desenvolvido como produto desta monografia.

O livro-reportagem, produto desta pesquisa, estará em PDF a partir da indexação à biblioteca UFPR.

## 2 A MORTE

Este capítulo aborda as construções sociais e ritualísticas que formaram as relações das pessoas com o finitude da vida com o passar das épocas, fazendo um recorte da Idade Média<sup>2</sup> até o século XXI.

A morte é um fato social. O historiador Carlos Eire (2013) afirma em *Uma breve história da eternidade* que o anjo da morte é o maior *workaholic* que existe, pelos dados de que pelo menos 150 mil pessoas morriam por dia em 2010. Mesmo com tantas pessoas morrendo diariamente, a identificação com a morte é bem mais ampla agora do que era na Idade Média, em que assistir a enforcamentos em arenas europeias era um típico programa de final de semana; atualmente, há uma sensibilidade maior com a dor do outro, uma espécie de identificação e compartilhamento de emoções, como o sofrimento (ELIAS, 2001). As noções de morte dos indivíduos mudam conforme as crenças do momento e as formas de se relacionar com os outros, além de pontos externos, como doenças e aumento populacional.

As crenças são fatores que influenciaram diretamente na forma com que as pessoas lidam com a finitude da vida. Não exclusivo do cristianismo, o “cuidar dos mortos” tem registros desde a Antiguidade. O entendimento era de que o falecido tinha a alma ligada ao corpo, e o corpo sepultado poderia cooperar com o desenvolvimento da família ou, em sentido inverso, arruinar todos os seus planos, caso não recebesse cuidado correto; sendo assim, era necessário fazer todas as oferendas para que os mortos não voltassem para incomodar (COULANGES, 2009).

Os tempos passaram e os medos caminharam junto com a humanidade; a exemplo de quando a peste dizimou um terço da população europeia no século XII, deixando a morte de frente e dando ênfase às religiões, já que os indivíduos se apegavam a Deus, com medo de também morrerem (SCLIAR, 2003). Não demorou muito para o medo de queimar nas chamas do inferno eternamente vir açoitar a população e fortalecer os ritos de passagem.

---

<sup>2</sup> Por Idade Média se entende o período que vai do século V ao XV. O recorte foi escolhido por explicitar o alvorecer do cristianismo e a mudança de relacionamento com a morte que esse momento propôs.

Antes do falecimento, os ritos de passagem já eram presentes. Além do sacramento católico da Extrema Unção<sup>3</sup>, do testamento e da morte assistida, o sepultamento em si era essencial para o processo de *post mortem* feliz, visto que, como citado no parágrafo acima, a alma poderia trazer consequências se não fossem bem tratadas. Do ponto de vista do cristianismo, em relação aos cultos ancestrais, o contexto ganha outras nuances: o morto não virá incomodar, mas sofrerá as consequências, caso não seja sepultado de maneira correta ou não tenha recebido os sacramentos adequados.

Os cemitérios foram e voltaram para o convívio público. Houve épocas em que foram deslocados para fora dos muros das cidades; em outros, vieram para as igrejas e chegaram na estrutura atual, dentro das cidades. Seguiam as mudanças culturais das épocas, como, por exemplo, no Cemitério São Francisco de Paula, no qual os estilos vindos com os imigrantes europeus influenciaram a arquitetura tumular (SILVEIRA, 2019. APÊNDICE D). Os cemitérios são espaços estabelecidos na cidade moderna e na cidade contemporânea. Sobrevivem mesmo às mudanças comportamentais e sociais trazidas pela internet, no começo do século XXI, quando o culto virtual ganha força e a cremação, em muitos países, supera o número de sepultamentos. Nos Estados Unidos, por exemplo, cerca de 60 a 80% dos mortos são cremados no estado da Califórnia (MARTINS, 2018).

## 2.1 A CRENÇA NA ETERNIDADE

Explora-se aqui a forma como o medo da morte foi um importante molde para as crenças e também para a forma como as pessoas passaram a reagir à ideia da própria morte ou a do próximo. A natureza da morte e suas noções mudam conforme o panorama social. Com isso, alteram-se as crenças e rituais, como a de vida após a morte e eternidade (ELIAS, 2001).

Na Idade Média, os enforcamentos e batalhas em arenas eram divertimento público. Populares se reuniam para acompanhar gladiadores lutando uns com os outros, ou para ver pessoas pagando pelos seus erros a partir do enforcamento. Apesar da proximidade com a morte, o fim do ciclo da vida tinha caráter mais indiferente para esta sociedade

---

<sup>3</sup> Após o Concílio Vaticano II, na década de 1960, o sacramento passou a se chamar Unção dos Enfermos.

A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome (ARIÈS, 2002, p. 32)

A morte seguiu a característica de evento por muito tempo. Tal comportamento inclui o círculo familiar; o moribundo que jazia no leito de morte dificilmente ficava sozinho. Familiares, amigos e curiosos – incluindo também crianças, que tinham contato direto com a morte nestes casos –, reuniam-se em torno do enfermo, por exemplo, para acompanhar os últimos momentos e velar o corpo com grande drama e lamento. Era a chamada *Morte domada ou familiar* (ARIÈS, 2002, grifo da autora). Este momento era ilustrado na arte, como os desenhos feitos pelo soberbo gravador Gustave Doré para o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (FIGURA 1).

FIGURA 1: *The Death of Don Quixote* — Gustave Doré (1863)



A Peste Negra assolou um terço da população europeia a partir de 1347. Tal fato fez com que houvesse um distanciamento com os enterros e com os

rituais. Além disso, “ninguém chorava pelos mortos, porque todos esperavam morrer” (SCLIAR, 2003, p. 8). A peste foi um momento de ruptura com a naturalidade da morte, porque a experiência dela se mostrava assustadora para os sobreviventes, dando espaço, também, para a disseminação da melancolia. A chamada “morte negra” tinha surtos de dez em dez anos, o ocorreu com a duração de pelo menos três séculos (DELUMEAU, 2009).

O medo de padecer pela peste gerava o apego a Deus e à religião (SCLIAR, 2003). As perspectivas apocalípticas cooperavam com visões já existentes com relação à eternidade, Céu, Inferno e Purgatório. A ideia de ficar anos sofrendo era aterrorizante e não era para menos: o medo da condenação eterna ao inferno é um dos pilares da piedade cristã tradicional, expressa em dogmas e catecismos.

O medo de não ir para o céu ou não ser escolhido no Juízo Final se refletia no comportamento. Ninguém se salva sem merecimentos, de acordo com o catecismo católico, na categoria “Pecados que Bradam os Céus”. As indulgências, espécie de “borracha que apaga os pecados” são um fato do século XVI, sendo vendidas pela Igreja, garantindo aos fiéis que suas culpas seriam perdoadas e que não iriam para o inferno (SCLIAR, 2003). As indulgências são vistas como uma das causas para a Reforma Protestante, em 1517, visto que Martinho Lutero, precursor do protestantismo, não concordava com a ideia de que as indulgências levariam os sujeitos direto para o céu, entendendo que a ideia era abusiva. O recorte realizado aqui com o fato da “borracha dos pecados” é essencial para compreender a construção de paraíso e merecimento da vida eterna. Por conseguinte, ser enterrado em solo santo, com as devidas exéquias realizadas, era para os “justos”.

Nota-se uma diferença na forma que a morte era tratada na Antiguidade e depois da Idade Média. No primeiro, a morte era temida pelos que ficavam porque o morto poderia voltar para incomodar, se estivesse insatisfeito com o que foi feito a partir de seu sepultamento (ARIÈS, 2002). Depois, o medo era o da volta daquele que morreu, mas a forma como iria viver a eternidade. Como será abordado no próximo ponto, até mesmo os ritos funerários desde o momento de jazente eram necessários para a salvação e a vida eterna, sendo indispensáveis até o momento dos enterros *ad sanctos*.

A morte deixou de ser coletiva para se tornar individual, sobretudo após o nascimento do protestantismo, que não dava crédito aos ritos fúnebres que os católicos faziam para salvar as almas. Os mortos agora tinham que se salvar sozinhos, sem missa, sem rezas, sem intercessão (EIRE, 2013).

### **2.1.1 A morte como fenômeno social e psíquico**

A morte do outro é a lembrança da própria morte (ELIAS, 2001). Todos morrem, mas as modalidades são diferentes para as classes sociais. Isso acontece principalmente em países de Terceiro Mundo, fato que pode ser chamado de “genocídio organizado”, a partir da violência e de condições mais precárias de sobrevivência (MARANHÃO, 1985, p. 24). Os países subdesenvolvidos, pelas condições citadas, são mais propensos a terem crenças irredutíveis sobre a eternidade. Tais crenças diminuem a contar dos ciclos econômicos e sociais, dado a maior segurança contra doenças e morte repentina, refletindo no aumento da expectativa de vida dos cidadãos. Em contrapartida, nações menos desenvolvidas, e com a morte mais “perto”, possuem crenças mais intensas e fortalecidas (ELIAS, 2001).

As mortes inesperadas e/ou violentas também poderiam ser mais uma justificativa para que uma presença divina existisse. Antes eram encaradas como castigo divino, como, por exemplo, pessoas que morriam em alto mar e não tinham a oportunidade de receber os sacramentos de corpo presente. Contudo, crer na eternidade soa como uma maneira de recompensar as pessoas que morrem injustamente ou sem preparo. Eire (2013) exemplifica as vítimas do desastre de 11 de setembro, para deixar mais contemporâneo.

Segundo Freud, a crença na imortalidade é o reflexo dos nossos próprios desejos (EIRE, 2013); sendo assim, a culpa e a futura punição dão mais gás para estas crenças e também para comportamentos específicos. Fazer caridade, por exemplo, é essencial para construir o merecimento para o céu; não estar rezando seria fator crucial para a ida ao inferno, segundo a Igreja, já que o inferno era também uma espécie de disciplinador social: “O miserável no inferno vai se lembrar de quando poderia estar rezando ao invés de estar se divertindo” (EIRE, 2013, p. 192).

No século XIX, o contexto muda. A relação com a morte dá uma reviravolta e as crenças não são mais tão fortes quanto antes. Para suprir o que Eire chama de “vácuo da descrença” (2013, p. 219), prolifera-se com grande força o mito da existência de fantasmas e nesse momento também surge o espiritualismo (Idem, p. 219). O temor existencial também chegou com força, moldando o comportamento do ser humano ao se deparar com a morte. Na obra de Maranhão, vê-se que essa é a hora em que as pessoas reveem prioridades e a própria vida, assim que se deparam com a morte de alguém; como a morte de si é difícil de ser imaginada, acontece uma repressão de pensamentos (MARANHÃO, 1992).

## 2.2 OS RITOS FÚNEBRES

Este capítulo aborda a forma prática com que se lidou com a morte, por meio de gestos e preparações desde o momento em que o indivíduo ficava doente até depois do falecimento.

A sociedade convive com a fatalidade da morte, porém

... a morte e, sobretudo, o destino que se dá ao corpo do morto são capazes de gerar dinâmicas e representações socioculturais diversas sobre as quais se apoiam e regulam grupos e atividades humanas (MOTTA, 2008, p. 29).

Diante desta fala, conversa-se com o que diz Morin (1970) a respeito da morte como molde da vida. Diz-se que a sociedade vive bem com a consciência de que a morte existe, porém, com os ritos e crenças se tenta combatê-la a vida toda, como se ela guiasse a existência.

Sepultar os mortos (além da figura em si da sepultura) está presente na cultura desde os povos neandertais (KOVÁCS, 1992). Na Antiguidade, a sepultura possuía papel de morada eterna. Passa a ser necessário cuidar do corpo e enterrar com itens que eram úteis na vida terrena: roupas, armas, vasos, além de serem oferecidas refeições funerárias e também vinho (COULANGES, 2009). A alimentação perdurava além do momento do enterro, com determinados momentos do ano sendo fundamentais para uma alimentação farta.

Altars passam a ser desenvolvidos para cultuar e preservar a alma dos mortos, nas culturas gregas e romanas. O culto, conforme o capítulo 2, era feito

por medo de que quem morreu voltasse para incomodar ou trouxesse coisas ruins para a família; era, portanto, uma via de mão dupla: os vivos ajudavam os mortos e vice e versa. A própria ideia de usar preto, primordial quando se pensa em luto, é mais uma tática de afastar os mortos (KOVÁCS, 1992).

A relação entre vivos e mortos começa a se distanciar a partir do momento em que a divisão de propriedade é intitulada com a Lei das XII Tábuas, em 450 a.C, em que os cemitérios são realocados para fora das cidades e novas formas de sepultamento são regradadas, além de, também, estabelecer postura sobre como se portar diante da morte, como define muito bem a Tábua X, do Direito Sacro<sup>4</sup>. A partir desse momento, houve uma ruptura, na qual os mortos começaram a “sair do corpo” e não eram mais presos (GRASSI, 2016). A literatura dessa época, pelo menos a que descreve até o início d.C é pouca, tendo algumas lacunas de explicação sobre o tema. Interessa a essa pesquisa, contudo, o momento em que o cristianismo entra em evidência.

A partir do século III, as refeições funerárias diante dos túmulos ganharam um novo complemento pelos cristãos: a refeição eucarística – e, agora, não só no túmulo do familiar, mas também no de mártires (ARIÈS, 1989). Até que no século seguinte o costume junto aos mártires, assim como também a dança e canto nos túmulos, começaram a serem vistos como costumes pagãos, o que promoveu uma diferença nos ritos a partir daí. Na Antiguidade, os ritos – sobretudo gregos e romanos – eram mais particulares. Ao adentrar a Idade Média, o culto cristão passa a dizer respeito a uma comunidade inteira (OEXLE, 1996).

O cristianismo urbanizou os mortos, trazendo-os de volta para a convivência das cidades nos cemitérios-igreja (LE GOFF, 1998). Também, trouxe novas formas de rituais. Uma característica desta crença, ao contrário do protestantismo, é a reintegração do morto na sociedade o tempo todo (EIRE, 2013).

Começaremos pelos ritos antes da morte: as indulgências, que podem ser encarados como “bilhetes para o céu”, descritas em *Uma breve história da eternidade*, de Carlos Eire. O processo de preparação da morte começava aí, garantindo o passe para a eternidade; em seguida, os testadores faziam a documentação do que a pessoa queria após sua morte, por exemplo, a

---

<sup>4</sup> Direito Sacro diz respeito aos comportamentos com os mortos.



quantidade de missas, se esmolas seriam distribuídas, enfim, todos os procedimentos e ritos (ARIÈS, 2014). A criação das irmandades<sup>5</sup>, fenômeno que se dá a partir do período barroco, trouxe uma filiação que tinha objetivo em se preparar para a própria morte (MARANHÃO, 1992, p. 34).

A morte era uma cerimônia pública nos séculos XVIII e XIX. O indivíduo, antes de morrer, decidia os trâmites do seu enterro. Os ritos familiares da morte eram concebidos no momento em que o moribundo jazia no leito (ARIÈS, 2014). O quarto ficava cheio de familiares, amigos e curiosos que aguardavam e demonstravam pesar pelo falecimento, além de, claro, um padre estar presente para dar a Extrema Unção, fator crucial para conseguir desfrutar do amor de Deus (EIRE, 2013), garantindo uma Boa Morte. Os pedidos do morto poderiam ser absurdos, a exemplo de um incontável número de velas.

Os ritos fúnebres eram mais fortes nos enterros *ad sanctos*, com influência do cristianismo, que movia enterros em que o falecido era sepultado com signos que remetiam a santos ou alguma entidade cristã. Baseado no quanto a pessoa poderia pagar, seria enterrada num lugar mais benquisto dos templos católicos (MARANHÃO, 1992).

No século XIII, a função do testamento começou a mudar, chegando ao que se conhece hoje (ARIÈS, 2012). Era um sinal de que o cristianismo estava perdendo força no Ocidente cristão. O luto assume um papel forte no século XIX para explicitar a dor e o sofrimento perante a perda, momento em que a separação se torna inadmissível. É um marco de que o luto histórico representa o medo não da própria morte, mas a do outro, dando abertura aos novos ritos e a nova relação com a morte. As visitas melancólicas ao túmulo não eram comuns nos séculos anteriores. Os túmulos começaram a ter um papel não da representação cristã de vida eterna, mas uma representação mais sentimental.

Uma presença que não supunha necessariamente a imortalidade das religiões de salvação, como o cristianismo. Era uma resposta à afeição dos sobreviventes e à sua recente repugnância em aceitar o desaparecimento do ente querido (ARIÈS, 2012, p. 77).

---

<sup>5</sup> Por irmandades se entende: confrarias religiosas voltadas para as práticas de obras de misericórdia. (MARANHÃO, 1992) Reuniam categorias, de mulheres e homens, não raro em separado. E podiam ser destinadas a escravos, por exemplo, como ocorreu com evidência no Brasil. A modernização do catolicismo, ao longo do século XX, minou aos poucos a ação das irmandades, que ganharam novas versões na forma de movimentos de espiritualidade e confrarias.

O período higienista, sobretudo a partir do final do século XIX, também foi crucial para que o afastamento com a morte voltasse a ganhar força. Richard Sennett (2010, p. 346) descreve que os projetos arquitetônicos europeus do século XVIII se baseavam num modelo de corpo saudável, tentando fazer com que a cidade tivesse o mesmo reflexo e um funcionamento bom e útil. Nesse mesmo período, emerge uma discussão sobre o sepultamento nas igrejas, já que a saúde pública começou a ter mais ênfase. Logo, médicos, arquitetos e padres começaram a repensar a higiene e os novos métodos funerários.

Os chamados “miasmas” que saíam dos corpos em decomposição eram o fator principal; nas valas comuns das igrejas mais de mil cadáveres eram sepultados, até o local ficar cheio e outra vala ter de ser aberta. Acreditava-se que os miasmas poderiam repassar doenças, trazendo repulsa por este tipo de sepultamento em local de grande movimentação social, como eram as igrejas católicas. A convivência entre vivos e mortos começou a ficar inviável, ainda mais pelo cheiro desagradável que não estava mais sendo encarado com normalidade. (ARIÈS, 2012)

Mesmo com toda a discussão ocorrendo em terras europeias, a discussão foi tardia no Brasil. Mesmo com Carta Régia de 1801, que proibia enterros em igrejas, foram necessários mais de 35 anos para o primeiro cemitério público no Brasil ser criado<sup>6</sup>, o que será especificado no próximo subcapítulo.

Desde o início da discussão do higienismo, os mortos foram marginalizados e, conseqüentemente, os moribundos também. A partir do século XX não era mais comum morrer em casa, rodeado de pessoas. Agora a morte era solitária, só o doente e o médico no hospital. A morte foi afastada de maneira asséptica (ELIAS, 2001), tornando desde a doença até o sepultamento processos inodoros e livres de contaminantes. A morte migra para os bastidores da vida pública. Assim concorda Rodrigo Feliciano Caputo, ao explorar também o fator psicológico, visto a fragilidade psicológica dos indivíduos com a perda, e as formas que encontram para negá-la

---

<sup>6</sup> O primeiro cemitério público surgiu em Salvador (BA), em 1836, denominado “Cemitério Campo Santo”. (GRASSI, 2016)

O velório também deixa de ser realizado na casa da família, na qual antes o corpo ficava exposto e era visitado pelos entes queridos, pois cada vez menos é tolerado a presença do morto em casa, tanto em função de questões de higiene quanto por falta de condições psicológicas de vivenciar esta situação (CAPUTO, 2008, p. 78).

A atitude diante da morte mudou, segundo Eire e Elias, também pelo avanço da medicina contemporânea, pelo adiamento da morte e pela profissionalização dos agentes funerários. O rito de passagem não é mais em casa, mas sim no hospital. Quando a pessoa morre, profissionais contratados cuidam do corpo e o deixam impecável para o velório e o enterro, que passam a ser cada vez mais curtos ou que deram lugar à cremação, forma mais rápida e prática de tornar o corpo invisível, devolvendo-o à natureza, numa espécie de ritual duradouro, particular e privado – a não ser quando é exposto nas redes sociais, discussão que extrapola os limites do presente trabalho.

Hoje é possível comprar um pacote de cremação pela internet, como afirma a autora Caitlin Doughty no livro *Confissões do crematório* (2014). Existem até velas virtuais que podem ser acendidas para “entes queridos e também os rituais fúnebres e de luto acabaram migrando para a internet e perdurando mais do que os com corpo presente, como afirma a antropóloga Sandra Stoll em entrevista, quando questionada sobre os ritos atuais com a ascensão da internet.

Stoll afirma:

[as técnicas virtuais] são exemplos de novos meios de ritualização da memória dos mortos, e, portanto, de produção de sua presença na vida cotidiana. Lembrança, consolo, revolta, protesto... são distintos os significados e os usos destas práticas rituais (SILVEIRA, 2019, APÊNDICE E).

Na contemporaneidade, fala-se mais abertamente de sexo do que de morte, como afirma Maranhão (1985). As crianças também são poupadas dos rituais fúnebres, uma diferença marcante quando comparamos com o panorama anterior, em que no leito do moribundo as crianças acompanhavam a morte frente a frente. No século XXI, tem-se medo de impressionar as crianças com o fato. A morte, agora, impõe um papel de tristeza e melancolia, e numa sociedade focada em produtividade, a morte acaba incomodando ou gerando desconforto (SCLIAR, 2003). Com ascendência no século XX, a exigência da felicidade fez com que a morte seja colocada em segundo plano (ARIÈS, 2012).

A sociedade expulsou a morte para proteger a vida (KOVÁCS, 1992). Os caixões, o embalsamamento que cuida da imagem do morto para conservar a imagem viva e as técnicas de “proteção” contra a imagem do cadáver reforçam a teoria de Ariès de que a morte agora pode ser chamada de selvagem, não mais domada como antes (ARIÈS, 2012). Os ritos mudaram: não se usa mais roupa escura, sinais exagerados de luto são considerados “morbidez”; No artigo “A pornografia da morte”, de 1955, o historiador Geoffrey Gorer compara o luto com a masturbação, dizendo que é solitário e envergonhado, cada vez mais escondido. A morte existe, planos funerários são feitos pensando nela, mas é mais fácil recalcar.

### 2.3 A CRIAÇÃO DOS CEMITÉRIOS

Este subcapítulo foca na criação dos cemitérios a partir da Lei das XII Tábuas, com as idas e voltas do cemitério para dentro das cidades. Passaremos, também, pela Igreja como cemitério e chegaremos ao início do século XX, com a criação definitiva dos cemitérios após a implantação higienista ganhar mais autoridade, principalmente no Brasil.

Em 450 a.C, calcula-se, surgiu a Lei das XII Tábuas, para um controle maior das cidades numa época em que a noção de “propriedade” foi revista. Dentro da Lei, a Tábua X, do Direito Sacro, estipula a realocação dos cemitérios para fora das cidades, visto que, até aquele momento, o costume de sepultar no quintal de casa ainda tinha forte aderência. A partir da nova legislação, os cemitérios da Antiguidade eram sempre nas estradas, fora da cidade (ARIÈS, 2014)<sup>7</sup>.

Como explicitado anteriormente, o cristianismo acabou aproximando os mortos das cidades. Em 563 da era cristã teve início a inserção dos mortos nas igrejas e conexões com os enterros nas basílicas, primordialmente em cidades romanas na África. Ariès (2014) afirma que tal aproximação foi pela inserção de cultos pelos mártires e a fé na ressurreição e na de santidade advinda dessas figuras, ou seja: a santidade dos mártires deu origem ao enterro *ad sanctos*. Estes

---

<sup>7</sup> Apenas pincelamos a criação dos cemitérios na Antiguidade porque os registros e fontes documentais são escassos. Partimos, então, para d.C e começo da Idade Média, período sobre o qual podemos sustentar melhor as hipóteses.

enterros ainda seguiam as ordens de que era proibido enterrar nas igrejas e dentro das cidades, enterrando, então, nas basílicas construídas acima do túmulo de algum mártir, no cemitério.

Foi a partir do século VII<sup>8</sup> que os cemitérios acabaram trazidos para dentro das cidades, enquanto os extramuros só seriam utilizados para tempos de peste. Os cemitérios se tornaram um espaço de sociabilização e a convivência entre vivos e mortos ficou mais estreita do que anteriormente. Segundo Le Goff (1998, p. 13): “Alheio a todo o respeito religioso: ele [o cemitério, grifo da autora] somente terá um estatuto exclusivamente religioso tardiamente, a partir do século XIII. Até então, é um lugar de encontro e mesmo de diversão”.

A partir do “passe livre” dos mortos nas cidades, os enterros nas igrejas se tornaram cada vez mais comuns. Ariès (2014) conta que os mortos foram inseridos, primariamente, nas zonas periféricas e marginais das cidades, mas a situação foi mudando.

Assim, os mortos já misturados aos habitantes dos bairros suburbanos pobres foram introduzidos no coração histórico das cidades: daí por diante já não houve em parte alguma igreja que não recebesse sepulturas em seus muros e que não fosse ligada a um cemitério. (ARIÈS, 2014, p. 49)

As valas comuns, utilizadas com frequência a partir do século XV, podiam conter 9 metros de profundidade e abrigavam até 1,5 mil cadáveres, sendo destinadas às pessoas mais pobres, que não podiam pagar por direitos mais “particulares” dentro da Igreja no sepultamento. Esses hábitos surgiram com a urgência de enterrar os mortos vitimizados pela peste e também pelo grande número de mortos pela fome. A prática perdurou até o começo do século XVIII, quando médicos, arquitetos e governantes começaram a ter mais preocupação com a saúde pública e, de fato, a higiene em manter milhares de cadáveres em decomposição sem nenhum tipo de cuidado, além de pás de cal, num espaço público, foi questionada.

A matéria em decomposição era contaminante por meio da liberação de miasmas, sendo ameaças para a população por serem causadores de doenças e epidemias (GRASSI, 2016). Em 1743, foi criado o primeiro decreto proibindo

---

<sup>8</sup> Lembrando que, em linhas gerais, estes fatos são em âmbito europeu.

enterros em igrejas na França, induzindo o Parlamento a anos depois fazer oito cemitérios fora das cidades.

No Brasil, o enterro *ad sanctos* era tão popular quanto na Europa. A discussão higienista veio à tona em 1798. Em 1801, o enterro em igrejas foi proibido em Carta Régia, mas nada foi feito. Em 1811, foi inaugurado o cemitério protestante Dos Ingleses no Rio de Janeiro, visto que os não católicos não tinham alternativa de enterros além do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia (BATISTA, 2014). O Cemitério dos Ingleses é, atualmente, o cemitério brasileiro mais antigo em atividade.

Foi a partir de 1830 que as leis de sepultamento se tornaram mais rigorosas, como, por exemplo, com a exigência de atestado de óbito assinada por um médico e documentação de especificidade das covas, além de que, naquele ano, a proibição de enterros nas igrejas no Rio de Janeiro se tornou mais efetiva. As construções dos primeiros cemitérios públicos no Brasil começaram a ganhar fôlego, abrindo alas para o Cemitério Campo Santo, de Salvador, em 1836, seguido do Cemitério Nossa Senhora do Desterro em Florianópolis e o Cemitério de Santo Amaro em Recife, ambos em 1841. Seguido, nas próximas décadas, do Cemitério da Santa Casa em Porto Alegre, o São Francisco de Paula em Curitiba e o Cemitério da Consolação em São Paulo (GRASSI, 2016).

Os cemitérios podiam estar construídos, mas os ritos demoraram a ser mudados. Exemplo da revolta é a “Cemiterada”, acontecida no dia 25 de outubro de 1836, em Salvador. Aconteceu contra o Cemitério Campo Santo, uma vez que a proibição do enterro em igrejas poderia acarretar numa dificuldade na salvação das almas. A população, com a fé em jogo, se revoltou contra o espaço e a empresa que construiu o local, invadindo o palácio e exigindo que o presidente da Província tomasse alguma atitude e, não suficiente, destruíram o cemitério aos gritos de “Morra, Cemitério!”. O episódio é contado por João José Reis na obra *A morte é uma festa* (1991).

Segundo Reis, o Campo Santo começou a ser mais utilizado a partir de 1855, com a epidemia, “diante da peste, que foi interpretada como castigo divino por muitos, os baianos se conformariam com a ideia de expulsar seus mortos da cidade, abandonando valores antes considerados sagrados” (1999, p. 338).

O mesmo se deu com os outros cemitérios recém-criados no Brasil. O grande surto de febre amarela no país, em 1849, responsável por cerca de 2,8 mil óbitos (SCLIAR, 2003), fez com que as regras higienistas fossem impostas e os enterros em cemitério começassem a acontecer em maior intensidade e com maior aceitação pela população (GRASSI, 2016).

Em 1950, na Europa, surgiram os cemitérios parque, chegando ao Brasil dez anos depois. Sua principal característica é o ambiente verde, com grande aparência de jardim, com jazigos subterrâneos também cobertos por um gramado e com uma placa de identificação. Clarissa Grassi diz na introdução de suas visitas guiadas que este tipo de cemitério é comum no período atual, de negação da morte, pelo local “não parecer um cemitério” e sim um jardim.

### 3 O CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA

O Cemitério Municipal São Francisco de Paula é o cemitério público mais antigo de Curitiba, criado em 1854. A chamada “necrópole” conta com 5.743 túmulos, dispostos em 139 quadras (GRASSI, 2014), em 51.114 m<sup>2</sup>. Localizado no alto do bairro São Francisco, o local coopera para recontar a história da cidade, pela história dos que ali estão enterrados e pelas tipologias tumulares que mudam conforme as épocas.

Desde 2011, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula possui um programa de visitação, guiado pela pesquisadora Clarissa Grassi, que busca desmistificar o espaço e, ao mesmo tempo, explicar a ligação do cemitério com a história da cidade. Para isso, os mortos são biografados no *tour* guiado e os túmulos são vistos como construções em que cada elemento representa algo (como, por exemplo, os túmulos verticalizados, que demonstram um aspecto mais contemporâneo, “estilo prédio”). Clarissa Grassi é peça essencial para este passeio. Ela é formada em Relações Públicas e se tornou uma referência em pesquisa cemiterial e arte tumular do país.

Conforme o cemitério foi crescendo, as tipologias tumulares foram mudando. Sendo o cemitério mais antigo de Curitiba, faz parte da paisagem urbana e acompanhou as mudanças arquitetônicas e de relação social com a morte, como será explicitado nos tópicos a seguir.

#### 3.1 O PRIMEIRO CEMITÉRIO PÚBLICO

O enterro *ad sanctos* era o mais popular em Curitiba, até o meio do século XIX. O costume de enterrar nas igrejas curitibanas era predominantemente em quatro delas: a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas e Igreja de São Francisco de Paula (GRASSI, 2016). Apesar da ligação direta do costume com a salvação das almas, uma discussão acerca da saúde pública surgiu. Um surto de varíola se fez presente nos séculos XVIII e XIX e o enterro nas igrejas podia ser extremamente contaminante. Foi a partir disso que o discurso higienista ganhou força no Brasil.



Para ter direito a um enterro nas igrejas curitibanas, não bastava apenas querer. O processo era mais fácil se o indivíduo fizesse parte de uma irmandade. Como registra Maranhão (1992), “as irmandades — confrarias religiosas voltadas para a prática de obras de misericórdia — passaram a considerar a assistência às exéquias a sua principal finalidade.” (p. 34). As irmandades eram detentoras dos terrenos de enterramento nas igrejas e todos os trâmites necessários para o cortejo. Mas não era simples ser membro de uma delas. Os grupos tinham critérios próprios que determinavam quem poderia fazer parte, assim como as ordens dentro da sociedade e valores instituídos. A Igreja Matriz, a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, a Capela São Francisco de Paula e a Capela de Nossa Senhora do Rosário possuíam irmandades próprias, sendo a última capela destinada exclusivamente para negros, visto que as irmandades segregavam as participações (GRASSI, 2016).

As primeiras discussões sobre a necessidade de criar um cemitério público em Curitiba surgiram em 1829. Vieram pela preocupação da Câmara Municipal de Curitiba com as epidemias que estavam acontecendo no litoral paranaense (CAROLLO, 1995). Conforme GRASSI (2016), o assunto foi retornado em 1830, adiado mais algumas vezes e somente em 1850 a construção do cemitério público começou a ser efetivada. A demora é vista como uma “resistência à adoção de outra forma de sepultamento” (p. 41). Assim como visto no item anterior, os enterros *ad sanctos*, nas igrejas, eram populares pela crença da salvação.

Além da resistência justificada pela fé na salvação, também havia o argumento da falta de necessidade em se criar um cemitério público, visto que os chamados “bexiguentos” poderiam ser enterrados no Cemitério Sítio do Mato, o primeiro e específico para quem morria de varíola. Até que sob supervisão de Benedito Enéas de Paula, em 1854, enfim as obras do cemitério começaram num terreno obtido pela Câmara. Cinco meses depois, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula estava pronto, em 1.º de dezembro de 1854 (GRASSI, 2016). Contudo, somente nove meses depois o primeiro sepultamento aconteceu, sendo o marco pertencente a Delfina San Paio, morta por “moléstias internas”, aos 86 anos, inaugurando a era dos enterros em 30 de setembro de 1855.

## 3.2 CIDADE DOS MORTOS

Num primeiro momento no século XIX, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula possuía uma cerca de madeira, num perímetro inicial de 143 x 63 metros. Anteriormente, o local era conhecido como Cemitério Público de Curitiba, sendo legalmente nomeado pelo que se conhece hoje somente em 1958, junto com regras mais formais sobre enterros, concessão de terrenos e exumação de cadáveres. Até 2019, a necrópole acompanhou o crescimento da capital paranaense e as principais mudanças arquitetônicas que vinham junto dela.

A palavra “necrópole” vem do grego e significa “cidade dos mortos”. O CMSFP pode acompanhar essa descrição, visto a sua organização por bairros e tipologias, assim como se fosse uma cidade. Segundo o historiador e Coordenador de Pesquisas Históricas da Fundação Cultural de Curitiba, Marcelo Sutil, a partir dessa organização e das tendências arquitetônicas que afloram com o passar dos anos, há uma “simbiose entre a cidade e o cemitério.” (SILVEIRA, 2019. APÊNDICE E).

Desde os primeiros túmulos até os últimos, por seus mortos, cooperam para recontar a história da cidade. Além disso, as extensões realizadas durante as décadas devido a necessidade de espaço dão a entender que, junto da cidade, o cemitério também precisava crescer.

No ano de aniversário de 165 anos do CMSFP, em 2019, começou o processo de tombamento do local, movimentado por Clarissa Grassi. O tombamento consiste na escolha de alguns túmulos para serem patrimônios históricos, protegidos e preservados de qualquer modificação em sua paisagem. Serão escolhidos aqueles com maior representação cultural e histórica, que preserve detalhes que demonstrem as características. O tombamento tem previsão para acontecer em 2020.

### 3.2.1 Organização

O Cemitério Municipal São Francisco de Paula está localizado na Praça Padre João Sotto Maior, no bairro São Francisco, num ponto alto do movimentado bairro curitibano. Foi pensado neste terreno pela altura, visto que a difusão de ventos poderia dissipar os miasmas liberados pelos corpos, conforme ideia já

dissipada em todo o mundo para a construção cemiterial (ARIÈS, 2014). Passou por pelo menos seis ampliações, sendo a última na década de 1960, de 400 m<sup>2</sup>, do início, chegou-se aos atuais 51.414 m<sup>2</sup>. Possui 139 quadras e 5.743 túmulos (GRASSI, 2016).

A necrópole possui uma divisão por bairros, tendo o Centro Histórico, Batel, Bairro Urbanizado e a Periferia. São compostos por tipologias tumulares em comum e, também, pelo que podem representar, socialmente falando. Os bairros possuem uma dinâmica que, segundo Clarissa Grassi (2016), ajudam a “conhecer um pouco da trajetória da cidade de Curitiba.” (p. 85), visto as ocupações pelos mortos e as tipologias tumulares.

Localizado à direita da entrada do cemitério, Centro Histórico é a primeira área de ocupação do local. É o espaço em que a sepultura é a tipologia tumular principal (que será explicado no próximo item). Vai da quadra 2 à quadra 36, onde estão os exemplares mais antigos e inalterados do local. Neste espaço se encontra o túmulo de Maria Bueno, milagreira curitibana, e do empresário paranaense Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul. É a parte mais sensível de preservação do cemitério, estando prioritariamente no processo de tombamento.

O Bairro Urbanizado e o Centro Histórico diferenciam-se pelas tipologias tumulares e pelas alterações que este bairro, que vai das quadras 1 a 15, sofreu no século XX. Foi anexado ao cemitério ainda no século XIX e possuía túmulos mais simples. Fica no lado esquerdo da entrada do cemitério. Atualmente, há muitos exemplares de túmulos verticalizados e as sepulturas são maioria. O Batel é o espaço com os túmulos maiores (os mausoléus, que serão indicados no próximo item), que chegam até em 100 m<sup>2</sup>. Não deixam de mostrar sua imponência, sobretudo por pertencerem a famílias tradicionais do estado e com alguma influência, como os políticos Erasto Gaertner e Vicente Machado. Vai da quadra 49 a 75. É um espaço marcado pela necessidade de representação. Além do volume, diferenciam-se das classes mais simples pelas obras de arte e valorização arquitetônica.

O mais contemporâneo, a periferia, comporta as quadras 79 até a 139. É representada por túmulos verticalizados que, assim como a cidade de Curitiba que também se verticalizou (GRASSI, 2016). Prioriza a função, a praticidade e a

ocupação simples de espaço. Mesmo que os adornos sacros não sejam prioridade na tendência arquitetônica atual, os elementos são vistos na presença significativa de jazigos capela. É o local onde estão sepultados os pintores Alfredo Andersen e Violeta Franco.

A estrutura do local conta hoje com três capelas (Fraternidade Curitibana, São Miguel das Almas e Jesus Ressuscitado). Também há três floriculturas, uma sala da Guarda Municipal de Curitiba, além da secretaria do cemitério e o Serviço Funerário Municipal. Este último é responsável por todos os trâmites burocráticos de falecimento, como a escolha de funerárias<sup>9</sup>, documentação e liberação de corpo para velório e sepultamento. Abaixo está um esquema da disposição atual da Praça:

---

<sup>9</sup> Em Curitiba, a escolha de funerárias para as famílias é realizada na hora dos trâmites do sepultamento, na forma de um rodízio, para que não haja nenhuma empresa mais favorecida que outra.

FIGURA 2 - DISPOSIÇÃO ATUAL DA ENTRADA DA PRAÇA

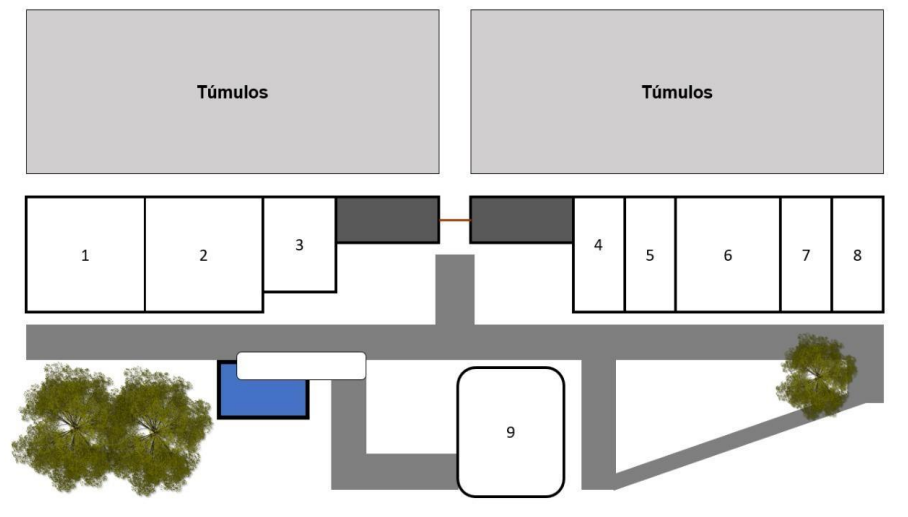


Imagem: Paulo Berbeka Cleto (2019)

Legenda:

1. Capela
2. Capela
3. Floricultura
4. Floricultura
5. Guarda Municipal
6. Capela
7. Floricultura
8. Serviço Funerário Municipal/Departamento de Serviços Especiais da Prefeitura de Curitiba
9. Serviço Funerário Municipal (atendimento às famílias)

### 3.2.2 Tipologias tumulares

Durante os 165 anos do Cemitério Municipal São Francisco de Paula, diversos exemplares de tipologia tumular foram erguidos. São reflexo das tendências arquitetônicas e materiais disponíveis para sua construção. Além disso, os túmulos eram uma forma de se destacar dentre tantos mortos.

O que caracteriza os tipos, conforme Hidaka (*apud* Grassi, 2016) é a “permanência de modelos constantes relacionados a condicionantes estéticos e estruturais, técnicas construtivas, parâmetros dimensionais e materiais utilizados,

segundo o tempo e o local em questão” (p. 60). Sendo assim, sete são as tipologias descritas por Clarissa Grassi e que podem ser encontradas no CMSFP: sepultura, estela, oratório, jazigo capela, mausoléu, jazigo monumento e túmulo verticalizado.

As sepulturas, mais comuns no início do cemitério, são caracterizadas pelos enterros que valorizavam a função e eram na maioria das vezes individuais, conforme dito em entrevista por Key Imaguire Junior, em 2019 (SILVEIRA, 2019, APÊNDICE C), arquiteto referência em patrimônio. Podem ser sobrepostas por até mais duas gavetas acima. Propõe-se em apresentar “carneira” (espaço onde se guarda o corpo) e a cabeceira, que pode ter elementos como epitáfios, nome do morto e afins. Por serem mais simples, são propensas a ter influências de diversas correntes arquitetônicas. Conforme Grassi (2016), “há exemplares antigos construídos em tijolos maciços com revestimento caiado e exemplares atuais com revestimento em cerâmica, granito ou até porcelanato” (p. 61).

As estelas são compostas por uma carneira com um elemento vertical apoiado nela. Localiza-se na parte mais antiga do cemitério e expressa uma notoriedade ao morto, por parecer um pequeno monumento. Os oratórios também fazem parte da área mais histórica, diferenciando-se da estela por ter um oratório que fica no topo do elemento vertical. Ambos possuem função sacra, ou seja, são adornados com anjos, cruzeiros ou santos.

A seguir vem o jazigo “capela”. Apesar do nome, não há como adentrar o espaço e fazer adoração ou rezas. Segundo Grassi (2016), este tipo consiste em “uma ou mais carneiras que apoiam uma pequena capela.” (p. 64). Abriga elementos sacros e sua função é tanto sacra quanto de sepultamento, considerando uma inumação prática. É visto como uma transição entre sepultura e mausoléu.

Os mausoléus são túmulos que chegam a ter um terreno de até 100 m<sup>2</sup>. Destaca-se pela sua grandeza. Sua função mais evidente é a sacra, visto que se assemelham a um local de oração, podendo ter pequenos altares. O enterro não é a preocupação estética principal e é geralmente feita nas bases do mausoléu. Preza pela notoriedade, com reconhecimento dos proprietários através do sobrenome que é gravado na entrada do túmulo, tais quais as moradias

burguesas do século XIX (GRASSI, 2016). São predominantes na área nobre do cemitério.

O jazigo “monumento” não possui o caráter sacro citado no mausoléu, mas podem ser tão volumosos quanto. Possui o espaço de enterro mais discreto e dá importância aos monumentos e esculturas, sem ligação direta com a religião. Podem estar ali elementos que remetem ao luto e a tristeza. Ainda assim expressam grandeza e notoriedade ao morto.

Por fim, os túmulos verticalizados são o que Key Imaguire chama de “predinhos”. São as tipologias mais contemporâneas, lembram as sepulturas por sua forma. Não utilizam tanto os adornos e costumam ser mais discretos. Nestes túmulos, a função se sobrepõe a forma, sendo que, assim como nas cidades, foi necessário se pensar em construções práticas, que ocupam pouco espaço. Chegam a ter mais de três gavetas acima.

Os adornos tumulares ajudam a descobrir as descendências familiares. Um exemplo é o túmulo da Família Canet, que conta com uma alegoria, típica dos cemitérios paulistas, de uma mulher com longos cabelos debruçada no jazigo. Apegos à religião também podem ser observados através dos elementos que remetem às virtudes teológicas (fé, esperança e caridade).

Segundo Key (SILVEIRA, 2019, APÊNDICE C), a forma que o túmulo é construído mostra as tendências decorativas de cada época; as decorações tumulares também sofrem mutação, assim como as casas da cidade. O Cemitério Municipal São Francisco de Paula é uma mescla de estilos. O período eclético, popular até os anos 1930, pode representar bem o Municipal. Os túmulos eram marcados por ornamentações e objetos decorativos de várias épocas, que lembravam a religião e o cristianismo, como cruzes, anjos e elementos que representam as virtudes teológicas (fé, esperança e caridade). Conforme o tempo passa, o estilo neocolonial vem com tudo, buscando uma identidade brasileira, com arcos, beirando o barroco e apostando nas alvenarias texturizadas. Passando pela Art Déco, alguns exemplares mostram as características volumosas, até de dois andares, com janelas e aberturas. Há também os indicativos do modernismo, que visava uma arquitetura funcional.

### 3.3 AS VISITAS GUIADAS

Desde 2011, a relações públicas, pesquisadora cemiterial e diretora do Departamento de Serviços Especiais da PMC, Clarissa Grassi, realiza visitas guiadas pelo Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba. O programa consiste numa caminhada dentro do cemitério, por meio de um trajeto que permite contar a história da cidade ao contar a história de seus mortos. O êxito das visitas representa um revés num momento em que a morte, como visto nos capítulos anteriores, não possui mais uma recepção natural.

Até 2016, o programa de visitação era voluntário. Foi a partir da gestão do prefeito Rafael Greca de Macedo, iniciada em 2017, que Clarissa foi convidada para fazer parte da Fundação Cultural de Curitiba com seu projeto. Antes disso, Grassi havia escrito três livros que abordavam aspectos do CMSFP: *Um olhar... a arte no silêncio* (2006), em que aborda a arte tumular do Municipal com o uso de fotografias; *Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula – arte e memória no espaço urbano* (2014), que conta sobre 99 personalidades que estão sepultadas no Municipal a partir dos trajetos que a autora convida o leitor a participar; e *Memento Mortuorum* (2016) – um Inventário do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. As visitas acontecem regularmente pelo menos uma vez por mês, em três formatos:

- **Tradicional:** ocorre aos sábados de manhã, a partir das 9 horas, mas não em todos os sábados. A programação é informada com antecedência. O trajeto é composto por narrativas ao pé do túmulo de pelo menos 15 personalidades, escolhidas por sua influência na história e pela arquitetura de seu túmulo.
- **Temática:** acontece no mesmo horário das tradicionais, também aos sábados. Possui um trajeto guiado por um tema. Pode ser um percurso traçado pelos túmulos de astros do futebol, jornalistas, expoentes da música, da saúde ou outros. As personalidades são escolhidas conforme sua influência no tema. Acontecem com menos frequência que as tradicionais.



- **Noturna:** dá-se trimestralmente, com três turmas, visto a alta procura. Em outubro de 2019, as inscrições esgotaram em dois minutos. Iniciam às 19 horas, com o mesmo trajeto das tradicionais. Os presentes usam lanternas.

O ponto de encontro inicial é na entrada do cemitério, próximo ao portal “Cristo e Anjos”, do artista ítalo-curitibano Franco Giglio. Os visitantes, já inscritos previamente por e-mail, devem chegar e pegar um crachá com seu nome, para que as visitas tenham um monitoramento preciso. São três horas de visita. A primeira hora é destinada a uma palestra, em frente ao cemitério, que explica a relação da sociedade com a morte ao longo dos séculos. Clarissa também aborda a criação dos cemitérios e, em especial, do CMSFP. Depois da palestra, os presentes iniciam o *tour* junto com a guia. A visita é interativa, permite que os presentes tirem dúvidas durante o caminho. As turmas costumam ter cerca de 30 pessoas. No final de cada visita, o grupo tira uma foto oficial no túmulo escolhido.

Além de desmistificar o cemitério, outra função das visitas guiadas é ensinar. O cemitério público mais antigo de Curitiba é responsável por colaborar com a maneira de repensar a morte. A cultura ocidental e os ciclos arquitetônicos podem ser reparados nos túmulos, conforme os ícones utilizados nas imagens, pequenos adornos e estátuas. As visitas fazem parte, também, de um programa especial da prefeitura para os funcionários da rede pública. Policiais, professores e políticos já participaram.

Conforme dados de Clarissa Grassi, de 2011 até julho de 2019, 10.031 pessoas participaram das visitas guiadas. Desde a entrada oficial das visitas no programa da prefeitura, o número de participantes passa de 2 mil por ano. Este fenômeno, num momento em que a morte não é mais “domada”, como diria Ariès (2012), é curioso. Carollo (2019), em entrevista concedida para este trabalho de conclusão de curso, diz que as visitas espontâneas aos cemitérios são cada vez mais incomuns pela falta de tempo colocada pela modernidade. Além disso, há a relutância com a ideia da morte, que é recalçada. Mesmo nesse momento, as visitas guiadas no CMSFP crescem anualmente. -

Para entender o que traz os visitantes para as visitas e suas percepções sobre o programa, dois questionários foram aplicados *online*, em março e abril de 2019. Perguntou-se os impactos da visita, o que o participante mais gostou e a

relação dele com o espaço. Houve 308 respostas somando as duas pesquisas. O aspecto mais citado na pesquisa foi a curiosidade, tanto para vir na visita quanto durante o passeio. Além disso, os respondentes afirmaram ter outra visão do espaço após as visitas e que costumam recomendar as visitas para os conhecidos. (Ver capítulo 5, METODOLOGIA)

O calendário que contém todas as visitas guiadas está disponível no site da Fundação Cultural de Curitiba. Em 2020, planeja-se que estudos comecem a ser desenvolvidos no Cemitério Municipal do Água Verde, o segundo mais antigo de Curitiba, para, posteriormente, visitas guiadas também serem planejadas no local.

O programa de visitação feito em Curitiba não é o único do Brasil. O Cemitério da Consolação, em São Paulo, é famoso por seus inúmeros exemplares da *Belle Époque* e por guardar figuras ilustres para o país, como a pintora Tarsila do Amaral e o escritor Mário de Andrade. Seu programa de visitas é gratuito, assim como o que acontece no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte e no Cemitério da Penitência, no Rio de Janeiro. No Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, no sul do país, a entrada é paga e o passeio já faz parte da Caminhada Cultural, projeto da prefeitura.

## 4 JORNALISMO EXTENSIVO: TEORIAS PARA UM JORNALISMO EM PROFUNDIDADE

Neste capítulo, serão abordadas as teorias do jornalismo essenciais para a construção do livro-reportagem, com algumas partes embasadas por perfis, proposto como produto desse trabalho de conclusão de curso.

Para esta construção, o conceito de Jornalismo Literário, a começar pela relação primordial entre jornalismo e literatura até as técnicas utilizadas para sua construção, será analisado a partir dos autores Angélica Weise e Felipe Pena. O livro-reportagem, veículo que recebe o Jornalismo Literário, é entendido como um instrumento de jornalismo com apuração aprofundada e possibilidade de ampliar o trabalho da imprensa cotidiana, dando mais fôlego a temas com maior durabilidade ou com ganchos. Os principais autores utilizados para esse ponto são Edvaldo Pereira Lima, Eduardo Belo e Angélica Weise.

### 4.1 JORNALISMO LITERÁRIO

O Jornalismo Literário será a linguagem usada para o produto deste trabalho de conclusão de curso. Baseia-se na conjunção de conhecimentos, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que coexistem com as produções jornalísticas. Contempla, por exemplo, perfis e entrevistas em profundidade. O Jornalismo Literário, para Felipe Pena (2008) tem a função de:

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2008, p.13).

O gênero teve seu nome cunhado em meados de 1930 nos Estados Unidos e veio para quebrar o paradigma do jornalismo tradicional, focado na objetividade e em notícias formadas por *lead* e pirâmide invertida. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2010), um dos principais estudiosos do gênero, o Jornalismo Literário é um destaque, pois “não é a forma de jornalismo mais

popular, nem a mais constante. Tampouco é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente” (p. 9).

Esse estilo de jornalismo cumpre a missão de informar e com cunho verdadeiro, preservando a essência jornalística. Traz consigo não só uma notícia, mas uma história (WEISE, 2013). O Jornalismo Literário utiliza as técnicas do jornalismo diário, mas com oportunidade de inovar, sair do cotidiano das redações e buscar informações mais completas e pessoais por detrás das histórias (WEISE, 2013).

A influência da literatura no jornalismo se dá desde antes dos séculos XVIII e XIX. A mais marcante e primordialmente documentada aconteceu nestes séculos, nos chamados Primeiro e Segundo Jornalismo, por definição de Ciro Marcondes Filho (2001). Nestes períodos, séculos XVIII e XIX, escritores de prestígio passaram a fazer parte dos jornais e colocaram novas formas de escrita e novos conteúdos, utilizando principalmente os folhetins<sup>10</sup>.

O Jornalismo literário surgiu da mescla dita em seu nome. Convencionou-se que a modalidade surgiu em 1960, na fase do *New Journalism*<sup>11</sup> norte-americano. Contudo, há dois problemas nesta afirmação: primeiro que *New Journalism* é uma fase do Jornalismo Literário e não ele em si; segundo, que a história do Jornalismo Literário veio antes dessa década. De qualquer modo, para evitar conflitos de conceito, diz-se “jornalismo literário” para a fase de meados do século XX e “fase literária do jornalismo” para períodos anteriores.

Estima-se que a fase literária do jornalismo nasceu na Europa, no século XVII, a partir da literatura de ficção, da escola de realismo social, juntamente com a presença da revista inglesa *The Spectator*, modelo que captava cultura e utiliza como técnica a escrita literária (PIZA, 2009). A partir de 1920, nos EUA, o surgimento da revista *The New Yorker* possibilitou o nascimento real do gênero, uma vez que a publicação produzia perfis e textos literários, fugindo da regra do jornalismo tradicional. Nas décadas seguintes, a revista lança autores como Joseph Mitchell, Truman Capote, Norman Mailer e Lilian Ross, grandes nomes do

---

<sup>10</sup>Os folhetins eram narrativas literárias seriadas, sendo uma prosa de ficção ou romance. Surgiram na França, no século XIX e se popularizaram nos periódicos brasileiros no mesmo século. Um exemplo é o romance urbano *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicado em 1844.

<sup>11</sup> Por *New Journalism* se entende o movimento dentro do Jornalismo Literário, nascido através da efervescência do gênero nos anos 60, nos EUA. (LIMA, 2004)

gênero. O marco do que viria a se chamar de jornalismo literário vem em 1946, quando a *The New Yorker* publicou a grande reportagem *Hiroshima*, de John Hershey.

No Brasil, a fase literária do jornalismo teve um de seus marcos quando as coberturas de guerra começaram a surgir, a exemplo da Guerra do Paraguai, em meados do século XIX. Euclides da Cunha, um dos mais aclamados jornalistas literários brasileiros, cobriu o confronto de Canudos para o jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1897; pelos cinco anos seguintes. Usou o material excedente para escrever a obra *Os Sertões*, lançada em 1902. Contudo, apenas posteriormente a obra foi vista como jornalismo literário.

No Brasil, o marco foi, de fato, as reportagens da revista *Realidade*, ainda que seja possível encontrar ecos antes disso. Surgiu em 1966 pela Editora Abril, de São Paulo, circulando até 1976. Mesmo com apenas uma década de duração, vendeu milhares de exemplares e cativou o público pela sua escrita clara e leve. Era uma revista que quebrava tabus, em plena ditadura militar, e dava certo afago social aos leitores, utilizando recursos literários e grandes reportagens (MARÃO, 2010).

Outra revista que marcou a categoria foi *O Cruzeiro*, nascida em 1928, atingindo seu ápice somente em 1940 (BELO, 2006, p. 28). Unia imagem e texto, em histórias bem contadas, por uma trupe de jornalistas de grande talento.

Apesar da crise nos jornais e revistas hoje, em 2019, a revista *Piauí*, a *Serrote* e outros exemplares sustentam a publicação do gênero literário, mas, em maioria, encontra-se mais o jornalismo literário em livros-reportagem. Há de se considerar que o tema é controverso e que para muitos existe jornalismo bem apurado e bem escrito, não havendo necessidade de cunhá-lo de “literário”.

Por mais que surjam especulações, este é um tipo específico de jornalismo que visa informar, preserva a essência jornalística, mas que possibilita a exposição de matizes da realidade que não seriam possíveis em um discurso e um espaço limitados. Sergio Vilas-Boas, na introdução do livro *Literatura e jornalismo*, traz uma imagem interessante do que é e o que não pode ser jornalismo literário:

Numa combinação saudável, que escapa à especulação hierarquizante e egocêntrica, podemos saber até o que o Jornalismo Literário não é, com a mesma naturalidade com que sabemos que o amor é infinito enquanto dura. Pois é, Jornalismo Literário não é a cobertura noticiosa de livros e autores; não é ficção, invenção ou história baseada (apenas baseada) em fatos; não é masturbação linguística; nem válvula de escape para escritores frustrados, que têm de fazer materinhas descartáveis no dia a dia para poder pagar suas contas. (VILAS-BOAS, 2007, p. 20)

Sendo assim, o jornalismo literário se baseia num jornalismo observador e que, ao mesmo tempo, participa e se põe à disposição de apreender mais informações, sem se prender às regras do jornalismo diário, do *lead* e afins. É um jornalismo mais extensivo, com uma periodicidade diferente e com possibilidade de recuperar ganchos e explorar mais a história (LIMA, 2004).

#### 4.2 LIVRO REPORTAGEM

O Trabalho de Conclusão de Curso propõe a realização de um livro-reportagem do gênero literário, a fim de categorizar os capítulos do livro de uma forma que se possa contar histórias intramuros do CMSFP.

Jornalismo e literatura podem funcionar muito bem juntos. A característica primordial do livro-reportagem é a sua autoridade acima dos limites do jornalismo tradicional, podendo ultrapassar barreiras e, sobretudo, periodicidades. Ele permite abordar os pontos que a imprensa diária não conseguiu suprir, seja pelas revistas, emissoras de rádio e pela televisão — e, mais contemporaneamente, até mesmo pela internet e sua urgência. Ele avançaria para o aprofundamento do tema, eliminando o aspecto efêmero da notícia e não comunicando mais de maneira fragmentada, mas em sua totalidade, cumprindo um propósito editorial (BELO, 2006).

Em uma definição quase acadêmica, é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos (BELO, 2006, p. 41).

Eduardo Belo fecha que há, também “possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa” (Idem, p. 41).

A sobrevida dos temas é algo observado por Edvaldo Pereira Lima, um dos pioneiros a tratar das teorias do livro-reportagem no Brasil. Ele defende que o livro-reportagem é um “veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística” (2004, p. 26). Ter mais tempo para desenvolver um raciocínio e, por conseguinte, obter mais informações, faz o tema render; uma vantagem para as pautas. Essa amplitude também dá visibilidade a pautas pouco aproveitadas pelos periódicos, visto limitações de espaço e critérios de atualidade.

Pautas quentes não são prioridade. O livro-reportagem aproveita temas frios, a partir da sua vantagem da universalidade. Outro ponto é que este modelo atinge públicos diversos. Sua função é de:

... informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas”, oferecendo ao leitor “um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, e lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo (LIMA, 2004, p. 39).

Sendo um modelo sem periodicidade, fora dos limites do jornalismo convencional e que permite experimentações e pode explorar diversas narrativas, quebra-se a ideia de que não é possível fazer jornalismo literário sem discutir o que é jornalismo e o que é literatura (WEISE, 2013).

Em vista da variedade de livros-reportagem, linhas temáticas e modelos narrativos, Lima traz a reflexão sobre uma divisão classificatória. Entre essas classificações, está o livro-reportagem-perfil, que se propõe com este trabalho. Essa categoria de livro-reportagem, segundo Lima, “procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse” (2004, p. 51-52). Nosso perfil, nesse caso, será do CMSFP e, em alguns momentos, dos personagens que fazem parte do local.

Tratar de um lugar condiciona o autor a tentar mostrá-lo para o leitor, sem contar integralmente apenas com a capacidade criativa do mesmo. O livro capacita a descrição e o olhar mais aprofundado com fotografias e recursos gráficos que possibilitam esse meio de curiosidade e ao mesmo tempo futuramente documental.



## 5 METODOLOGIA

Para realizar a presente monografia, além de uma prévia coleta de dados sobre o Cemitério Municipal São Francisco de Paula (CMSFP), foi analisada a bibliografia de pelo menos 15 autores que tratavam das vertentes propostas, inserção no CMSFP desde 2018, duas pesquisas online com o público frequentador das visitas guiadas e, por fim, entrevistas em profundidade com cinco pesquisadores, além das entrevistas realizadas para a reportagem em livro. Para o livro-reportagem, os materiais acima também serão usados, além de utilizar memorial teórico específico sobre jornalismo literário e mais entrevistas conforme a construção dos capítulos.

A seguir, uma súmula metodológica do percurso percorrido.

- A) **Coleta de dados.** Ao decidir o tema do Trabalho de Conclusão de Curso, em 2018, dados sobre o CMSFP foram coletados e deixados em *stand by* para quando a monografia começasse a ser feita. Para isso, foi necessário conhecer mais o trabalho de Clarissa Grassi e pedir sugestões de bibliografia. Sendo assim, foram realizadas atividades de inserção para se ambientar ao local, com anotações de túmulos que chamavam a atenção pela sua construção ou pelos nomes conhecidos. Os dados principais sobre o local foram coletados através das obras de Clarissa Grassi.
  
- B) **Seleção de bibliografia:** Para o memorial teórico, foram selecionados títulos e autores que trazem à tona: a cultura da morte no Ocidente, a relação com a morte, as doenças e o medo, a criação dos cemitérios, a história e disposição do CMSFP e a bibliografia sobre jornalismo literário e livro-reportagem, para justificar a escolha do produto. A delimitação do tema e a bibliografia lida foram indicadas pelo professor orientador e por Clarissa Grassi.
  
- C) **Inserção:** A primeira inserção foi realizada no dia 28/04/2018, numa visita guiada padrão. Após o primeiro contato, o local foi analisado mais quatro

vezes individualmente e em mais duas visitas guiadas<sup>12</sup>, até o final de 2018. Com o início do processo monográfico em 2019, foram feitas mais inserções individuais, seguindo uma por mês (de janeiro até agosto) e participação em mais cinco visitas guiadas, sendo uma noturna e as outras no período matutino, estas dispostas em:

- 18/01/2019: visita guiada noturna;
- 09/03/2019: visita guiada temática “Mulheres Pioneiras”, especial de Dia da Mulher;
- 30/03/2019: visita guiada padrão;
- 13/04/2019: visita guiada temática “Letras de Curitiba”, especial sobre escritores, jornalistas e jornais;
- 14/09/2019: visita guiada temática “Epitáfios”, especial sobre os epitáfios curiosos do local.

Mesmo o foco do trabalho sendo o CMSFP, foram feitas inserções no Cemitério Municipal do Água Verde e no Cemitério Municipal do Boqueirão, a fim de comparação temporal e arquitetônica.

D) **Pesquisas:** Entre março e abril de 2019, foram feitas duas pesquisas no formato de *Google Forms* para entender quem era o público das visitas guiadas, ver a influência das visitas com a noção de morte e, para o livro-reportagem, selecionar algumas pessoas com potencialidade de fonte para o trabalho, sobretudo na parte em que serão coletados depoimentos. Foram coletadas 308 respostas somando os dois formulários.

E) **Entrevistas:** Foram realizadas 5 entrevistas em profundidade com especialistas para apoio teórico e embasamento para o livro, além de compreender mais sobre o tema e o local, As outras 9 foram entrevistas mais curtas, com funcionários do CMSFP e SFM, com motivação de entender a rotina destes trabalhadores e sua relação com o local de trabalho.

---

<sup>12</sup> As visitas guiadas são *tours* liderados por Clarissa Grassi, com trajetos que visam contar trazer conhecimento sobre o local e sobre Curitiba através de seus mortos e as tipologias tumulares. As visitas temáticas são baseadas num trajeto específico que depende de um tema. A noturna acontece no mesmo formato da tradicional, porém, à noite, em três dias seguidos e com uma turma diferente por dia.

## 5.1 ITINERÁRIO DE UMA PESQUISA

A curiosidade pode ser um fator indispensável na hora de querer participar das visitas guiadas no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, mas, com certeza, não é o único. Os visitantes são provocados por sentimentos que variam de superação de preconceitos sobre o espaço até a vontade de conhecer algo que sempre ouviu falar.

Em alguns casos, baseiam-se na popularidade dos cemitérios ao redor do mundo, como o Cemitério do Père-Lachaise na França e o Cemitério da Recoleta na Argentina; os locais atraem pessoas do mundo todo que desejam conhecer mais sobre a estrutura das necrópoles e, na maioria dos casos, admirar os túmulos mais famosos que existem no conjunto.

Essa lógica se repete no Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Nas perguntas do questionário (ANEXO 1), além de nome, faixa etária e gênero, foi questionado também como ficou sabendo sobre as visitas, o que te fez se inscrever, o impacto e a descrição da experiência dos indivíduos. Totalizam 308 respostas somando os dois questionários e uma análise sobre cada tópico será realizada abaixo.

### 5.1.1 Primeira incursão

Na primeira pesquisa, realizada em março de 2019, contamos com 204 respostas. Nesta, o foco foi a visita guiada e seu impacto. A faixa etária predominante foi de 21 a 40 anos (FIGURA 3), a maioria mulheres, que responderam ter interesse nas visitas principalmente por curiosidade. As visitas agradaram a maioria do público. Apesar de a maioria informar que só participou uma vez, um total de 96,6% diz que faria a visita novamente. Uma margem de 51% dos votos afere que o impacto da visita, de 0 a 10, foi 10 – grande (FIGURA 4).

FIGURA 3 – FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES

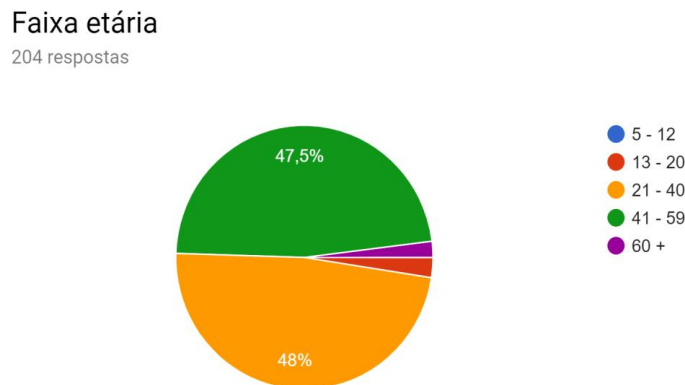
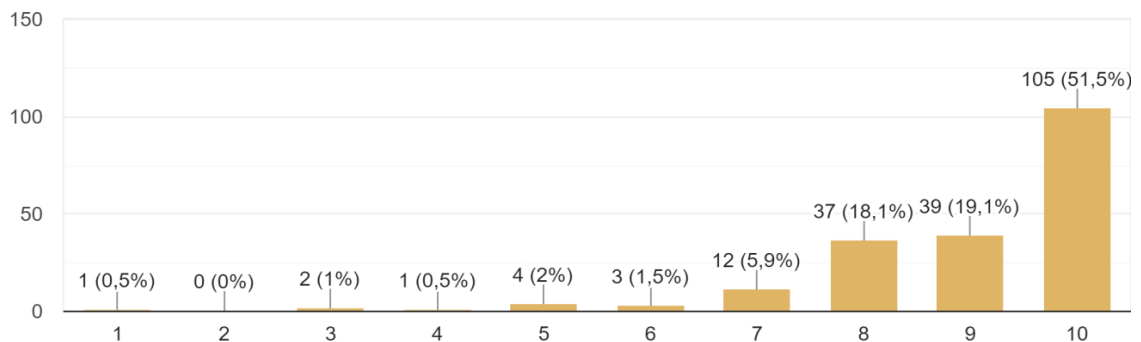


FIGURA 4 – IMPACTO DA VISITA

Qualifique o impacto da visita na sua vida (sendo 0 para inexistente e 10 para grande)

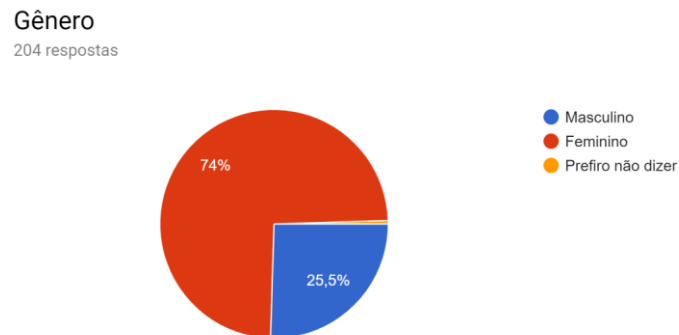
204 respostas



As mulheres são maioria entre os respondentes, passando dos 70% (FIGURA 5). A faixa etária ficou dividida, com participantes de 21 anos– 40 anos em primeiro lugar (48%) e 41 – 60 em segundo (47,3%). Esses dados refletem bem as visitas guiadas, visto que contam com mais mulheres e com faixa etária jovem-adulto.

Nas nove visitas guiadas das quais participei, totalizei três crianças. Elas, quando vão, são as “ajudantes” de Clarissa, que torna a visita ainda mais lúdica com a presença dos pequenos.

FIGURA 5 – GÊNERO DOS PARTICIPANTES



Outra pergunta feita no questionário foi “por que se interessou em participar?”. As respostas, de modo geral, justificam pela curiosidade e por indicação de conhecidos. Os frequentadores acreditam que as visitas vão muito além de um passeio comum entre túmulos. O termo “história”, um dos mais usados nas respostas, equivale a não somente a história dos mortos, mas sim a história da morte conforme as épocas e a história de Curitiba.

Junto disso, o termo “cultura” foi repetido, indicando que a visita atua como uma atração semelhante a passeios em atrações turísticas, por exemplo. Os visitantes veem como cultura as artes tumulares e suas características, ligando, assim, arquitetura.

“Resolvi participar a pedido de uma amiga, pois não gostava de cemitérios, e ela me incentivou a ir, para me mostrar que no cemitério tem muita história.”

“Pelo passeio ter um propósito interessante e que o cemitério possui uma história, fato que até então eu nunca havia parado para refletir.”

“Conhecer a história da cidade de Curitiba e seus colonizadores, seus costumes funerários, é muito rico. E a brilhante apresentação feita pela narradora é mais enriquecedor ainda.”

Quando perguntado – “Qual palavra melhor definiria sua experiência nas visitas?” – ficaram nos primeiros lugares “curiosidade”, “conhecimento” e “novidade” (FIGURA 6). Além disso, a experiência positiva pode ser um fator

determinante visto que pelo menos 96% dos respondentes dizem que têm interesse de participar novamente das visitas (FIGURA 7)

FIGURA 6 – DEFINIÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Qual das palavras melhor definiria sua experiência nas visitas?  
204 respostas

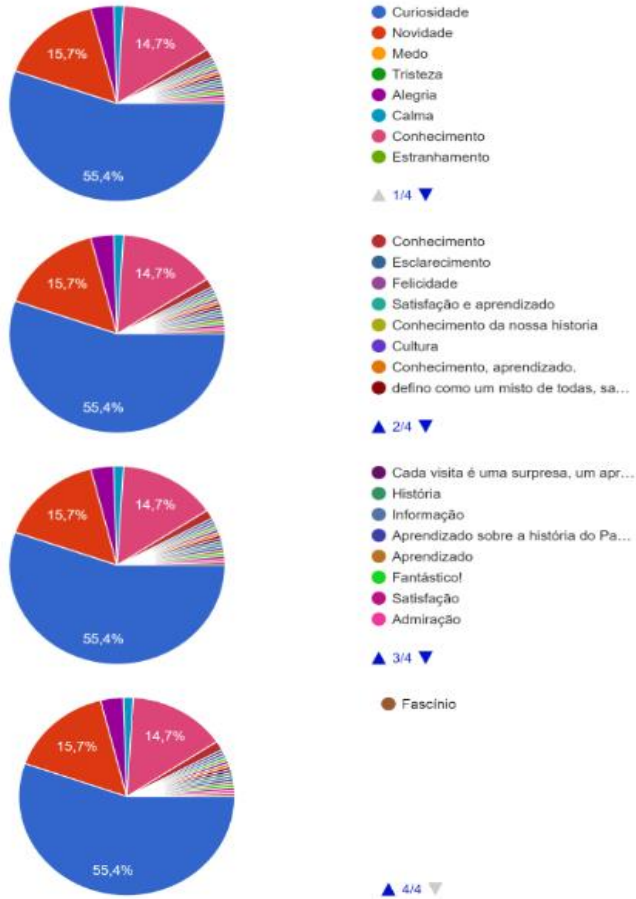
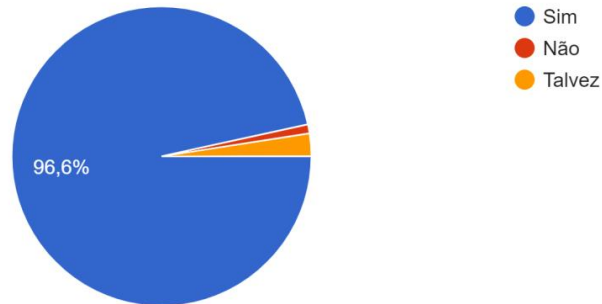


FIGURA 7 – PARTICIPARIA NOVAMENTE

Você participaria mais vezes?

204 respostas

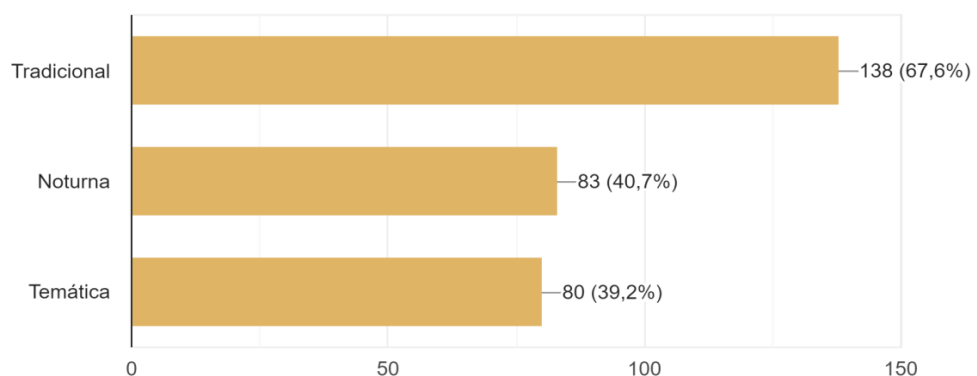


A maioria dos respondentes informou que ficou sabendo das visitas guiadas a partir das redes sociais. Tanto a Fundação Cultural de Curitiba, quanto a prefeitura divulgam as visitas em suas redes (Twitter, Facebook e Instagram). O segundo lugar ficou com “amigos e familiares”, expressando as indicações de quem já foi, gostou e repassou. Além disso, há uma página específica para o Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula. A frequência maior de respondentes informou que participou das visitas tradicionais, como informa a FIGURA 8.

FIGURA 8 – VISITAS QUE JÁ COMPARECEU

Assinale quais visitas você já compareceu:

204 respostas



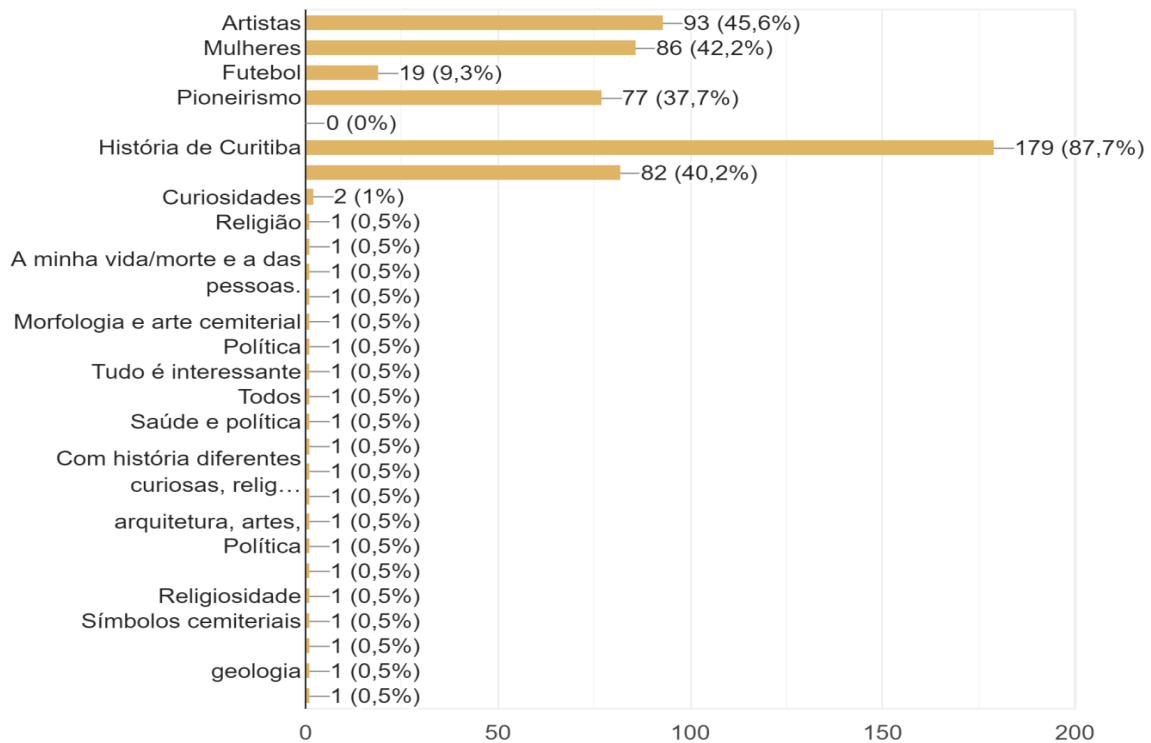
Sobre o que mais gostaram na visita, a postura de Clarissa Grassi foi um fator que gerou muitos comentários positivos, além da satisfação de saírem do

local aprendido alguma coisa. Não ficaram de fora, também, as personalidades icônicas da cidade, como Enedina Alves Marques, a primeira mulher a se formar em engenharia no Paraná e a primeira engenheira negra do Brasil; e o Barão do Serro Azul, político e ervateiro paranaense assassinado na Serra do Mar em 1894. Tanto que, na pergunta sobre temas de interesse para as visitas, as respostas foram diversas, com maioria no tema “artistas” (FIGURA 9).

FIGURA 9 – TEMAS DE INTERESSE PARA VISITAS GUIADAS

Quais temas mais te interessam para abordagem na visita?

204 respostas



De maneira geral, os respondentes contam que puderam ver Curitiba de outro ângulo e descobriram quem é representado nos livros de história por meio das lápides. A condução lúdica de Clarissa coopera para que as informações sejam dadas e marcadas corretamente para os participantes, seja na palestra inicial ou durante o trajeto. Vários respondentes deixaram na resposta alguma marca que indicasse que aprendeu algo.



“Gostei muito da explicação inicial sobre como as diferentes épocas e sociedades lidam com a morte e gostei de perceber o poder da erva mate na Cidade de Curitiba, gostei de tudo na verdade.”

“Gostei do panorama histórico antes de entrarmos no cemitério. A pesquisadora Clarissa Grassi nos informou sobre o papel das velas na igreja e que esta era um cemitério. Carrego essa informação para todos os lugares que viajo.”

“Fiquei encantada de saber da história da arquitetura dos túmulos. As histórias das pessoas que ali jazem me trouxeram muita curiosidade, me fez até buscar um túmulo antigo da família. Gosto muito de acompanhar as novidades e fotos trazidas pela Clarissa e se tivesse tempo iria em todas as visitas.”

### **5.1.2. Segunda incursão**

O segundo formulário teve como foco a recepção das visitas e a relação do público com o espaço. Com a primeira pesquisa finalizada, pudemos nos basear no que perguntaríamos numa segunda, a título de melhorar a precisão e o aprofundamento. Sentimos falta de saber a relação das pessoas com os cemitérios de modo geral, se as visitas cooperaram para uma visão diferente deste espaço e também, apesar de ser uma pergunta feita na primeira pesquisa, o que as pessoas mais gostaram na visita guiada e o que achavam da condução feita por Clarissa Grassi.

Tentou-se descobrir também o investimento das pessoas em cultura, porque, em base de outras pesquisas, sabe-se que pessoas que consomem cultura, no sentido material – comprar livros, por exemplo – por extensão tendem a ser mais abertas a demais ofertas da cultura. Queríamos aferir se isso acontecia com os frequentadores das visitas guiadas. A resposta foi positiva. Além de shows e teatros, os respondentes do segundo formulário colocavam a visita guiada como itinerário cultural. Inclusive, mesmo nessa pesquisa o percentual de pessoas que só fizeram a visita uma vez fosse predominante, obteve-se respostas de pessoas

que, ao citarem as atrações culturais, colocaram os cemitérios como repertório para uma próxima oportunidade.

Foram 104 respostas, durante 30 de março a 18 de abril de 2019. Novamente, as mulheres são maioria (FIGURA 10). Um total de 50% dos respondentes está na faixa dos 21 anos – 40 anos, seguido dos 41 anos – 60 anos, com 42% (FIGURA 11). As perguntas tiveram respostas positivas que indicavam o poder didático das visitas guiadas.

FIGURA 10 – GÊNERO DOS PARTICIPANTES

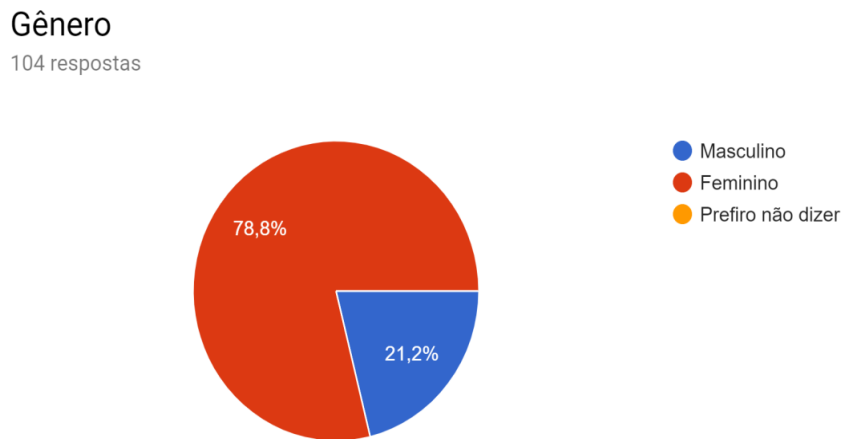
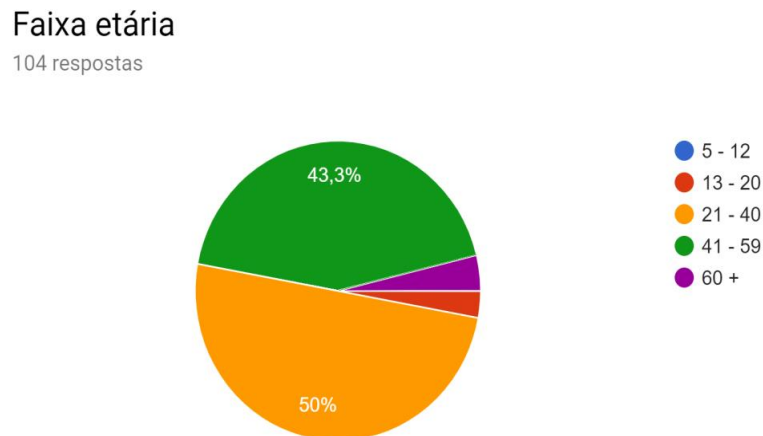


FIGURA 11 – FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES



Além das perguntas padronizadas e indicadas acima, foi perguntado se a visita deu outra visão sobre Cemitérios. As respostas foram positivas. Em maioria,

os participantes responderam que treinaram o olhar para buscar uma perspectiva histórica quando visitam os cemitérios. A presença da ideia histórica, arquitetônica e cultural é muito presente e a principal quando os respondentes justificam o que mudou quando visitam um cemitério.

“Sim, uma nova visão do cemitério como um local onde podemos encontrar elementos característicos da cidade, como arquitetura, a divisão social, e informações que dizem muito sobre a formação histórica de Curitiba e do Paraná.”

“Sim. Compôs a história da cidade. Em todos os lugares que viajo, quero conhecer os cemitérios. Assim aprendo a história da cidade, também.”

“Sim, ver o cemitério como fonte histórica me abriu a mente para as imensas possibilidades de construção de memória da cidade e necessidade de proteção ao patrimônio.”

Algo notado nas respostas é que, mesmo nas que demonstravam que o impacto não havia sido tão forte, o respondente justificava que esse efeito se deu por estudo prévio do tema. Casos assim foram encontrados quando a fonte é professora ou já havia se deparado com arquitetura e patrimônio. Outro ponto geral é que as visitas foram conhecidas pelos participantes em maioria por meio das redes sociais ou, em segundo caso, por alguém que foi, gostou e repassou o convite, assim como os dados vistos na pesquisa 1.

Notou-se também que mais de 80% dos respondentes disse já ter tido contato prévio com o tema da morte e do cemitério. Alguns responderam que justamente esse foi o motivo de terem ido à visita, seja como forma de quebrar tabu ou para se autoentender. Quando questionados se esse tipo de programa ajuda quem está lidando com a morte, 89% dizem que sim. Neste espaço não havia como escrever justificativa, mas as visitas guiadas podem cooperar para refletir o comportamento construído socialmente que temos com a morte. Quando se pensa na sociedade mexicana, por exemplo, que celebra o dia dos mortos de outra forma, bem diferente da brasileira, esse aspecto se torna visível.

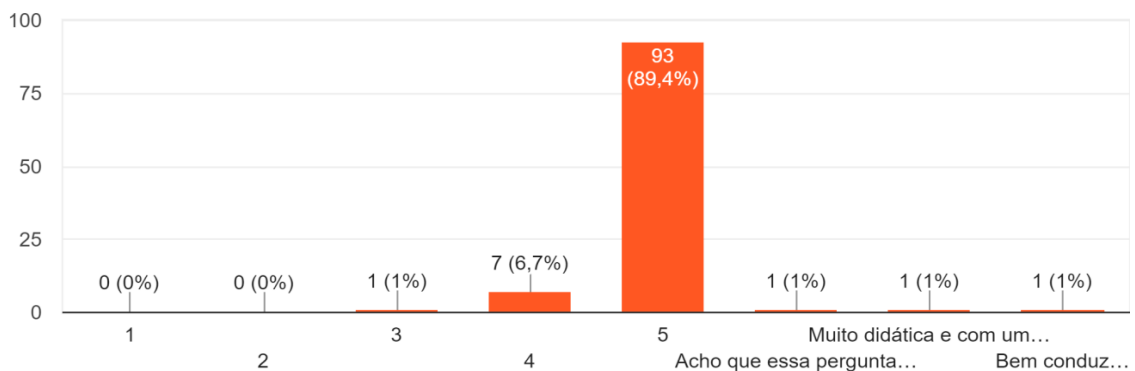
Cerca de 15% dos entrevistados indicaram já visitar cemitérios e gostar do local, tendo uma recepção mais aberta ao tema. Analisa-se que os demais, por não terem costume prévio com o espaço, foram movidos pela curiosidade ou quebra de tabus.

A presença de Clarissa Grassi garantiu satisfação numa das perguntas, específica sobre esse grau. A coordenadora do projeto e guia aparece nas respostas mesmo em questões que não dizem respeito diretamente ao trabalho que ela realiza nas visitas entre os adjetivos mais usados na sua condução está “didática”, “apaixonada”, “boa explicação”. Numa pergunta que varia de 1 a 5 a condução das visitas, sendo 1 ruim e 5 muito bom, a dinâmica de Clarissa Grassi ranqueou 89% de satisfação máxima (FIGURA 12).

FIGURA 12 – SATISFAÇÃO COM A GUIA

De 1 a 5, sendo 1 ruim e 5 muito bom, como você classifica a condução das visitas? (dinâmica da visita, explicações e etc)

104 respostas



Em suma, as considerações finais são de que o impacto das visitas guiadas acontece com quem participa e que alguma informação é apreendida. O cemitério se torna um espaço possível de encontrar cultura, história e arquitetura, não se baseando somente na visão de morte e luto. O público, de maneira geral, é receptivo e mente aberta para entender o que mais o cemitério pode oferecer. Os 308 respondentes equivalem a cerca de 3% dos visitantes totais de 2011 a 2019, mas conseguem dar uma base para descobrir o impacto sociocultural que as visitas guiadas podem oferecer. Além disso, cerca de 85% dos participantes

deixou contato no final das respostas para poder ter acesso ao material final que seria produzido através de suas respostas.

## 5.2 ENTREVISTAS

A princípio, a ideia era ter um roteiro pronto de entrevistas e com perguntas em comum, mas, no fim, cada entrevistado teve o seu próprio roteiro com suas especificidades e com questões que surgiram na hora da entrevista. Foram entrevistadas 14 fontes, totalizando mais de sete horas de gravação. Cassiana Lacerda, Clarissa Grassi, Key Imaguire Júnior, Marcelo Sutil e Sandra Stoll foram fontes entrevistadas em profundidade, para embasamento teórico. Na tabela abaixo pode ser conferida a relação de entrevistados e suas devidas funções:

TABELA 1 – LISTA DE FONTES

Cassiana Lacerda	Pesquisadora paranaense, aposentada pelo setor de Letras da UFPR, referência em simbolismo e <i>expert</i> em historiografia do Paraná Tradicional.
Clarissa Grassi	Relações Públicas, pesquisadora cemiterial e atual diretora do Departamento de Serviços Especiais da Prefeitura de Curitiba.
Emerson Romanel	Chefe do atendimento familiar do Serviço Funerário Municipal.
Eunice Izaías	Agente administrativa do Serviço Funerário Municipal.
Francisco de Paula Vieira	Zelador do Cemitério Municipal São Francisco de Paula.
Inês de Jesus	Proprietária de floricultura do Cemitério

	Municipal São Francisco de Paula.
Joyce Ferreira	Agente administrativa do Serviço Funerário Municipal.
Key Imaguire Jr.	Arquiteto e urbanista especialista em patrimônio.
Maria Ferreira da Silva	Proprietária de floricultura do Cemitério Municipal São Francisco de Paula.
Marcelo Sutil	Historiador, Coordenador de Pesquisas Históricas da Fundação Cultural de Curitiba e referência em memória e arquitetura urbana.
Rita de Cássia Buczak	Administradora do Cemitério Municipal São Francisco de Paula.
Sandra Stoll	Antropóloga aposentada pela UFPR referência em ritos e religião.
Sebastião da Silva	Pedreiro do Cemitério Municipal São Francisco de Paula.
Tatiana Maeyama	Agente administrativa do Serviço Funerário Municipal.

O objetivo foi recolher respostas a partir de experiências subjetivas das fontes, interpretar os resultados e mostrar de que maneira dialogam com a bibliografia pesquisada (DUARTE, 2011). Sendo assim, foi necessário entrevistar não somente Clarissa ou pesquisadores envolvidos ao tema, mas também as floristas, agentes administrativos do SFM, o zelador e outros. Cada um colaborou dando uma visão sobre a própria rotina e a sua relação com o cemitério.

Os funcionários do SFM, por exemplo, colaboraram para mostrar como é lidar com a morte diretamente todos os dias; se a relação muda, se o comportamento se molda e como lidar com situações mais sensíveis.

Maria e Inês, as floristas, são personagens que contam as histórias que observam por ali, após mais de 20 anos no local. Além disso, explicam sobre o mercado de flores.

Marcelo Sutil e Key Imaguire deram uma noção sobre patrimônio e relação do crescimento de Curitiba com o cemitério, sem deixar de citar as tipologias tumulares como reflexo da arquitetura das cidades.

Conversar com Sebastião e Francisco foi uma experiência essencial para compreender como é trabalhar, fisicamente, com os mortos, com a emoção do “adeus” e como é a rotina de quem já está há anos na profissão. Francisco ajuda nos enterros, faz exumações, mas trabalha como zelador cuidando do espaço. Sebastião trabalha somente com os sepultamentos e construções.

Sandra Stoll e Cassiana Lacerda colaboraram para uma perspectiva mais atual da recepção da morte. Como as pessoas estão lidando com a morte no século XXI, o que mudou/o que motivou essas mudanças a acontecerem e como encarar essas fases. Além disso, Cassiana fez um estudo, em 1995, sobre o CMSFP, colaborando num âmbito mais voltado aos cemitérios, enquanto Sandra somou em âmbito mais geral e voltado aos ritos póstumos.

Clarissa Grassi, fonte essencial para o projeto, foi essencial para compreender o nascimento e desenvolvimento do CMSFP, as tipologias tumulares, os mortos que ali estão e, por conseguinte, as visitas guiadas. Ela quem fundou o programa na capital paranaense e é referência em estudos cemiteriais, principalmente ao que diz respeito ao CMSFP.

### 5.3 CRONOGRAMA

O cronograma proposto para a elaboração do trabalho foi o seguinte:





## 6 MORTE E VIDA CURITIBA: PROJETO DE UM LIVRO

O produto do Trabalho de Conclusão de Curso consiste num livro-reportagem sobre o CMSFP. A linguagem padrão será a de jornalismo literário, utilizando perfis e depoimentos em alguns momentos. O título *Morte e vida Curitiba* foi escolhido numa referência à obra *Morte e Vida Severina*, poema de João Cabral de Melo Neto, que também retrata, mesmo de em outro aspecto, a morte. Além disso, o título traz as três palavras-chave que melhor determinam o livro-reportagem feito para este Trabalho de Conclusão de Curso.

Abaixo está disposta a divisão capitular:

TABELA 3 - DIVISÃO CAPITULAR

Prefácio	Escrito pela jornalista Monique Portela.
Quem quer passear no Cemitério?	Capítulo introdutório, conta a proposta do livro.
<i>Morte e vida Curitiba</i> : um passeio no cemitério público mais antigo da capital paranaense	Capítulo modelado para, além de introduzir, deixar o leitor a par dos termos que serão usados. Funciona como uma reportagem.
A morte	Capítulo que conta sobre a recepção da morte na sociedade conforme as épocas.
As visitas guiadas	Capítulo que discorre sobre o programa de visitas guiadas promovido por Clarissa Grassi no Cemitério Municipal São Francisco de Paula.
O Cemitério Municipal São Francisco de Paula	Capítulo que explicita a desenvolvimento do cemitério, pontos curiosos, disposição atual, seu papel para recontar a trajetória da cidade e seus funcionários.
O que te traz ao Cemitério?	Análise e metodologia das pesquisas via formulário que foram realizadas para apanhar características sobre o público das visitas guiadas.
Galeria	Seleção de 12 fotos ilustrativas, que

	mostram detalhes curiosos do cemitério.
Posfácio	Relação da autora com a obra.

O formato do livro é de 15 centímetros de largura por 20 centímetros de altura. Trata-se de um produto um pouco mais quadrado que os formatos convencionais. A proposta não é de que seja um livro de bolso, mas algo maior que possa acomodar bem as fotos, desenhos e gráficos que estão desenvolvidos na obra. A fonte utilizada no miolo é a Nexus em estilo serifado, confortável para a leitura em papel sulfite 90 g, o escolhido para este trabalho. O design do livro aposta em tons de laranja tijolo nas aberturas e num tom laranja claro na cor da capa. A capa, por sua vez, é feita de papel cartão 250 g/m<sup>2</sup>, gramatura padrão para livros. A impressão é em tinta toner, feita em gráfica digital. A finalização será com dobra canoa.

O prefácio do livro-reportagem é de jornalista Monique Portela, curiosa sobre o assunto, que explicita suas impressões sobre o produto.

O livro tem um capítulo introdutório, relacionando a cultura da morte com o trabalho de conclusão de curso e com o CMSFP, dando um panorama ao leitor sobre como “adentrar” o assunto da morte, entendendo um pouco o que há por trás desse debate, historicamente falando. É um capítulo convidativo.

O segundo enfoca no programa de visitas guiadas e sua importância como objeto de estudo. Oferece uma pincelada sobre o tema, que salienta como o fenômeno vem na contramão da relação tão distanciada com a morte em que a sociedade está.

Em seguida, abre-se um capítulo que explora a recepção social da morte com o passar das épocas. Não obstante estão as relações entre religião, crenças, corpo morto e maneiras de sepultamento. Após, entra-se no capítulo que mergulha nas visitas guiadas como um todo. Traça-se ali a trajetória, modos de condução, crescimento de visitantes e papel didático sobre o local, visando que coopera para uma desmistificação do espaço.

O capítulo 4 explora o Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Conta-se a história da necrópole mais antiga de Curitiba, seu design atual, sua colocação no bairro, a importância do espaço para contar a história da cidade a partir dos seus mortos e das tipologias tumulares que são encontradas ali. Além disso, não

ficam de fora os personagens vivos, os trabalhadores do cemitério e do Serviço Funerário Municipal e suas rotinas.

O capítulo “O que te traz ao Cemitério?” explana o resultado das duas pesquisas online, via formulário, que foram realizadas em março e abril de 2019 para entender o que leva as pessoas às visitas guiadas e a relação dos visitantes com o espaço antes e depois de passarem pela experiência.

Por fim, há um posfácio que explica as relações pessoais da autora com o tema e os desafios de construir o produto. É um capítulo mais pessoal e intimista que mostra a inserção no espaço.

A galeria, que ficará no meio do livro com uma ideia de “abra e veja o que pode encontrar”, tem 12 fotos coloridas. São fotos ilustrativas, que prezam por um olhar através dos detalhes que chamam a atenção ao andar no cemitério.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar um cemitério é estar disposto a entender que as percepções da morte são construídas socialmente, conforme a sua recepção é recriada pelas novas gerações. O livro-reportagem apresentado como produto deste trabalho aborda um dos pontos da recepção da morte, a curiosidade que o acontecimento inspira, e deixa pistas para que mais pesquisas possam ser realizadas posteriormente.

Além de toda a fundamentação teórica, essencial para o projeto, o contato com as fontes permitiu unir uma percepção mais real de como a morte é encarada e qual é o papel das visitas guiadas ao cemitério. Foi possível entender que o desconhecido causa medo e, arrisca-se dizer, desconforto. As visitas guiadas propiciam uma relação de compreensão com o espaço, com o embate pessoal que cada visitante tem com a morte, seja de si ou do próximo. Essa percepção foi expressa não apenas nas pesquisas do formulário, mas também nas visitas guiadas e na satisfação retratada pessoalmente e nas redes sociais, manifestadas por quem participa do *tour*.

Pode-se dizer que o tema do trabalho se revelou mais instigante a cada mês de construção. A ideia inicial era mais morna, explorando o básico do cemitério, como a história dos sepultados. Contudo, cada pesquisa de campo mostrou que havia um “algo a mais” a ser explorado. Ao conversar com os funcionários do local, parecia óbvio que a história também deveria passar por eles e por suas percepções, tanto do espaço quanto da morte. Até o Chiquinho, gato de uma das floristas, virou personagem do livro dedicado à necrópole.

Outro ponto levantado por meio do material teórico foi a presença milenar da religião na solidificação da ideia do “morrer” e do “depois da morte”. Essa leitura deu base para discussões fundamentadas sobre o papel dos adornos e dos ritos fúnebres.

Entre as perspectivas que se abriram com este trabalho, pode-se pensar na necessidade de preservação dos cemitérios e de conscientização sobre a sua importância sociohistórica. A reflexão não remete diretamente para a volta dos costumes antigos, mas sim pelo cuidado com esses espaços, como, por exemplo, o combate ao vandalismo e ao zelo pela manutenção regular dos jazigos.

O trabalho também trouxe enriquecimento pessoal. Foi possível entender os processos próprios de relação com a morte e os cemitérios. A vontade de estudar mais sobre o tema prevalece, em especial sobre o Cemitério Municipal São Francisco de Paula. A intenção é continuar com as pesquisas em projetos futuros e poder cooperar com a desmistificação do espaço cemiterial e com a conscientização da preservação.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 2014.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida: Arte e sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)**. Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Revista Multidisciplinar da UNIESP**, São Paulo, v. 73, n. 06, dezembro de 2008. disponível em: <<http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20180403124306.pdf>>. Acesso em 09 de junho de 2019.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. **Cemitério Municipal São Francisco de Paula: monumento e documento**. Curitiba: Prefeitura Municipal, Casa Romário Martins, 1995.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2009.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOUGHTY, Caitlin. **Confissões do crematório: lições para toda a vida**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2016.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2011.

EIRE, Carlos. **Uma breve história da eternidade**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos** — seguido de “Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GRASSI, Clarissa. **Memento Mortuorum**: inventário do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Curitiba: Edição do Autor, 2016.

KOVÁCS, Marta Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Clube de Autores, 2010.

MARÃO, José Carlos; RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade revista**. Santos. Realejo, 2010.

MARANHÃO, J. L. de Souza. **O que é morte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. S.P. Hacker, 2001.

MARTINS, Elisa. Como funciona a indústria da cremação e por que ela prospera no mundo todo. **Época**, São Paulo, 6 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/como-funciona-industria-da-cremacao-por-que-ela-prospera-no-mundo-todo-23280680>>. Acesso em 21 de outubro de 2019.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Europa-América, 1970.

MOTTA, Antonio. **À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2008.

OEXLE, Otto Gerhard. **A presença dos mortos**. In: BRAET, Hermann e VERBEKE, Werner. **A morte na Idade Média**. São Paulo: EDUSP, 1996.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 3ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

SILVEIRA, Larissa Nicolosi da. Entrevista com Cassiana Lacerda. Curitiba. 2019.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Clarissa Grassi. Curitiba. 2019.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Key Imaguire Júnior. Curitiba. 2019.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Marcelo Sutil. Curitiba. 2019

\_\_\_\_\_. Entrevista com Sandra Stoll. Curitiba. 2019.

VILAS-BOAS, Sergio. Introdução. In: BRITO, José Domingos de (org.). **Literatura e jornalismo**. Volume III. São Paulo: Novera Editora, 2007.

WEISE, Angélica. **Jornalismo literário: uma análise das reportagens de José Hamilton Ribeiro publicadas na Revista Realidade**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.



## **APÊNDICE A - ENTREVISTA COM CASSIANA LACERDA CAROLLO**

Cassiana Lacerda Carollo é pesquisadora paranaense expert em historiografia do Paraná Tradicional. Aposentada no setor de Letras da Universidade Federal do Paraná, é referência em simbolismo e responsável por um dos primeiros estudos sobre o Cemitério Municipal São Francisco de Paula, resultando no Boletim *Cemitério Municipal São Francisco de Paula: monumento e documento*, informativo da Casa Romário Martins, de 1995.

**Entrevista realizada por telefone no dia 5 de setembro de 2019, com duração de 24 minutos. Entrevista editada para melhor adequação a este trabalho monográfico.**

**Larissa Nicolosi:** Qual a principal mudança, na sua opinião, no tratamento com a morte?

**Cassiana Carollo:** Antigamente havia uma intimidade com a morte. Hoje a pessoa morre isolada, no hospital. Bem asséptico. Isso amplia o medo da morte pelo seu terreno desconhecido. E também o ritual fúnebre está sendo cada vez mais rápido, a cremação está em alta. A religião que mantém o cemitério como uma imposição.

**LN:** Soa como uma maneira de esconder a morte?

**CC:** Não é questão de esconder a morte. É questão dela não fazer mais parte do cotidiano, ficando como uma abstração. Poucos visitam os cemitérios, no máximo em dia de finados. Essa falta de convívio gera o distanciamento. A vida moderna o impõe, não é a pessoa que escolhe.

**LN:** Você acredita que os curitibanos saibam o papel do Cemitério Municipal São Francisco de Paula para a história e cultura da cidade?

**CC:** As pessoas não veem o seu papel pela falta de informação e, arrisco dizer, de uma cultura. O boletim que escrevi sobre lá, em 1995, foi lançado numa época de tabu. As pessoas não buscavam saber sobre o tema. Mal sabem, por exemplo, quem está enterrado. Vejo isso como reflexo da falta de cortejo fúnebre.

**LN:** Você acredita que os costumes antigos de cortejo e, claro, de recepção amigável da morte podem voltar?

**CC:** É difícil voltar. A história dificilmente se repete. Isso pelas diferenças de uso do tempo que os indivíduos fazem atualmente, as relações familiares e tudo que foi construído a se pensar da morte. Você lembra aqueles “santinhos” de papel que eram dados no final de um enterro ou de uma missa de sétimo dia em homenagem ao falecido? Simplesmente sumiu e se perdeu. É o que acontece.

## APÊNDICE B - ENTREVISTA COM CLARISSA GRASSI

Clarissa Grassi é formada em Comunicação Social com habilitação Relações Públicas pela Universidade Federal do Paraná, com mestrado em Sociologia na mesma instituição. Atualmente é pesquisadora cemiterial, coordena as visitas guiadas no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba, tendo três livros sobre este espaço numa visão arquitetônica, artística e histórica. Ao fim das visitas guiadas, Clarissa colaborava com orientações sobre a construção da pesquisa e as delimitações de cada capítulo relacionado ao CMSFP. É uma fonte mais importante para o livro-reportagem e para este documento monográfico, além de ser uma aclamada pesquisadora cemiterial em Curitiba, representando a cidade em congressos e pesquisas nacionais.

Foram realizadas três entrevistas com a fonte. A primeira foi realizada por **ligação de voz via Skype no dia 01 de junho de 2019, com duração de 2h35 minutos**. Clarissa fez questão de apontar o papel das visitas para desmistificar a morte e as razões da importância do tombamento. Utilizou a ferramenta de vídeo para mostrar seu trabalho de montar as fichas de cada túmulo que será protegido e seu projeto futuro de organizar a *data bank* do cemitério com todas as informações dos enterrados nos 5743 túmulos.

A segunda e a terceira foram realizadas no gabinete de Clarissa, na praça Padre João Sotto Maior. Uma foi realizada no dia 23 de agosto de 2019, com duração de 39 minutos, abordando os processos burocráticos do Serviço Funerário Municipal, como os enterros de carentes e reversão de túmulos. A outra foi realizada no dia 05 de setembro de 2019, com 36 minutos, abordando sua trajetória pessoal trabalhando diretamente com a morte e com as visitas guiadas.

As entrevistas foram **editadas**, feito uma seleção das perguntas que obtiveram respostas mais condizentes com o conteúdo desta monografia.

**Larissa Nicolosi:** Como começou sua relação com a morte?

**Clarissa Grassi:** Tive que lidar com a morte desde pequena. Perdi minha vó quando era criança, acompanhei toda a trajetória desde o adoecimento até velório e sepultamento. Mas posso dizer que, particularmente, minha paixão por cemitérios sempre existiu. Gostava de passear por lá, sabe? era silencioso, me acalmava. Eu gostava de ler as placas nos túmulos, os nomes, imaginar quem era a pessoa que estava ali.

**LN:** E qual seria a recepção das pessoas com a morte e com as visitas?

**CG:** As visitas estão crescendo e tendo uma boa adesão. Mas há quem chame de mórbido. O significado dessa palavra não tem nada a ver com o cemitério ou com a proposta apresentada. Essa reação se dá pela morte privada, medicalizada, que causa uma negação da morte, como se afastá-la fosse evitá-la. As pessoas têm recalque com a morte e não sabem lidar com quem não tem. Eu falo que as pessoas que eu mais gosto de levar ao cemitério são as que têm medo e resistência, porque há a oportunidade de desmistificar o olhar sobre o espaço. A morte só entra nas visitas quando vamos falar: “ah, fulano morreu em tal data”, às vezes nem isso! estamos falando de vida, de trajetória. Ninguém vai mexer em caixão, não há morbidez nenhuma. As pessoas ligam a isso pela relação pessoal delas com a morte. Quem aceita a finitude ou não tem medo, não tem problema com o espaço.

**LN:** Você acredita que as pessoas não consigam entender a ideia de o cemitério ser um local com cultura e história?

**CG:** Acho que sim, mas pequenos passos são dados. Quando nos posts do Facebook alguém fala que “cemitério não é local de visita” ou “deixem os mortos em paz”, sempre aparece alguém que já foi nas visitas guiadas e defende o programa. Diz que a proposta não é essa, mas sim de ensinar sobre a cidade, sobre cultura, sabe? Eles saem com outra visão após a visita. O próprio fato de você estudar isso é um avanço.

**LN:** Quantas mil pessoas você estima que estejam enterradas no CMSFP?

**CG:** Mais de 90 mil. Há muita documentação de sepultamento que se perdeu nas primeiras décadas, mas contabilizo cerca de 92, 95 mil.

**LN:** Como está o processo do tombamento?

**CG:** Nos baseamos no mapa de preservação e de paisagem do cemitério. Não dá para proteger todos, então foi necessária uma seleção, baseada na relevância histórica, artística, cultural, documental, arquitetônica... faço a seleção e envio, em formato de fichas com as principais informações sobre os túmulos, para o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC).

**LN:** Colocando em números: quais são os números de mortes em Curitiba?

**CG:** Se baseando nos números de agosto de 2019, podemos estimar que ocorrem 1409 mortes por mês. Cerca de 46, 47 por dia.

**LN:** Como está sendo para você o cargo de diretora do Departamento de Serviços Especiais?

**CG:** É recompensador, visto o meu trajeto com as pesquisas, as visitas, até chegar aqui, à frente dos cemitérios de Curitiba e dos processos. Estando aqui eu posso fazer coisas pelos cemitérios municipais, questões que, como pesquisadora, eu já tinha notado como fragilidade. É um desafio, mas me sinto muito feliz. Agora, mais do que nunca, virei Relações Públicas mesmo.

**LN:** Podemos dizer que a morte mudou sua vida? O que você acha que acontece depois da morte?

**CG:** A morte não mudou minha vida, mas os mortos, sim. Resignificou a minha vida! Acho que tem algo depois. A finitude é difícil de pensar. Deve ser por isso que a gente acredite tanto. Para mim, a morte é uma afronta à racionalidade humana. Para montar minhas convicções com o depois, pego um pouco de cada religião.

## APÊNDICE C - ENTREVISTA COM KEY IMAGUIRE JR

Key Imaguire Junior é Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal do Paraná, com Mestrado e Doutorado em História pela mesma instituição. Professor Titular da UFPR, lecionou durante 35 anos as disciplinas *História da Arquitetura Brasileira*, *Patrimônio Cultural*, *História da Arte Brasileira*, *Fotografia*. É referência quando o assunto é arquitetura e patrimônio paranaenses, além de ser idealizador da Gibiteca de Curitiba

**Entrevista realizada presencialmente no dia 12 de setembro de 2019, na casa de Key, no bairro Mercês, com duração de 35 minutos.**

**Larissa Nicolosi:** O cemitério possui uma dinâmica?

**Key Imaguire:** Sim, com certeza. É evidente a primeira vista. Você percorre e percebe que ele vai crescendo num padrão arquitetônico. Ao chegar na família Hauer, esse movimento vai mudando. O início conta com capelas e enterros individuais, enquanto no fundo você encontra o padrão moderno, com túmulos verticalizados assim como os prédios. A pessoa não mora em prédio quando tá vivo, mas mora depois de morto.

**LN:** Isso não acomete só o CMSFP?

**KI:** Viajamos e visitamos cemitérios. O cemitério diz muito sobre uma cidade. Na Europa, por exemplo, é mais estático. Mas, de maneira geral, a dinâmica acontece em vários lugares, sim. O Cemitério de Gênova é quase uma cidade de tão grande e cheia de movimentos. Creio que isso irá se perder pela presença da cremação e dos outros tipos de cemitérios, como o Vertical.

**LN:** Qual é a principal diferença entre o CMSFP e os que o senhor visitou?

**KI:** As diferenças são poucas. Nos que eu visitei, consegui reparar nas divisões históricas e também nos “bairros”, assim como vemos no CMSFP. O sentimentalismo é o fator crucial juntamente com o seu poder financeiro de construir algo mais refinado, maior e que consiga evidenciar mais a saudade, como em grandes monumentos.

**LN:** Quais as principais tendências arquitetônicas no CMSFP?

**KI:** O apogeu dele corresponde até aproximadamente os anos 50, modernizando-se a partir disso com os predinhos. O período de ecletismo, antes disso, tomava conta com seus enfeites e ornamentação dentro de uma ideia de religião e de uma ideia cristã. dentro disso você encontra uma grande variedade pelo leque de influências culturais. Ainda mais ali, onde encontramos pessoas que pertenceram a elite curitibana. Podemos ver elementos de Art déco, um túmulo importantíssimo com elementos paranistas - um dos últimos remanescentes dessa tendência, influências egípcias e, também, uma capela paulista do século XVII que só se manifestou no Cemitério. É muito relativo.

**LN:** Nesses túmulos verticalizados, não encontramos uma identidade.

**KI:** Isso acontece porque a arquitetura fora de lá também é assim, os prédios possuem caráter comercial, sem preocupação com obra arquitetônica. Não há uma caracterização cultural de época.

**LN:** Podemos dizer que a preocupação da representação da memória diminuiu?

**KI:** É aquilo que falamos de custo. Mesmo com a saudade, eventualmente não há poder econômico de fazer algo, de “banciar a saudade”.

**LN:** Discorra sobre a importância do tombamento.

**KI:** É bem importante, visto um conjunto de culturas e de situações. Acredito que os cemitérios terão que mudar no futuro para se adequar a paisagem. Tenho a impressão que os cemitérios ganharão mais visibilidade nas cidades. A valorização da paisagem cemiterial terá que ser encarada no futuro, não sei como porque nunca pensei nisso. Aí entram outros aspectos como a segurança, por exemplo. É algo que precisa ser muito bem pensado.

**LN:** Mas você acha possível que se pense nisso?

**KI:** Acho necessário. Ainda mais que aquele muro é inexpressivo. Claro, você sabe que a partir daquele muro há um cemitério, ou um condomínio... de mortos, mas ainda um condomínio (ri).

**LN:** E as cores?

**KI:** A cor é meio espontânea. As cores utilizam aqueles tons para representar pesar. Tons escuros, tons neutros.

**LN:** Com relação aos cemitérios-parque: você acredita que eles sejam mais esteticamente agradáveis?

**KI:** Ali não existe ostentação e nem uma ideia de beleza, podemos dizer. As lápides e sepultamentos são comuns. Talvez ele devesse ser mais “parque”, principalmente em Curitiba, representando a característica de Curitiba como cidade, como ela se mostra para o mundo. Pensar aqui é pensar nos parques, paisagisticamente falando. Antes, era a Serra do Mar. Com a verticalização isso se perdeu. Logo, os parques.

**LN:** A verticalização representa Curitiba?

**KI:** Não, representa o momento da cidade. A verticalização existiu pelos custos altos e pouco espaço para construção. A mesma coisa se transpõe para o cemitério.



## APÊNDICE D - ENTREVISTA COM MARCELO SUTIL

Marcelo Sutil é formado em História pela Universidade Federal do Paraná e em Desenho Industrial pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, possuindo também mestrado e doutorado em História pela UFPR. Atualmente é Coordenador de Pesquisas Históricas da Fundação Cultural de Curitiba. Marcelo Possui experiência em História da Arquitetura e urbanização, principalmente se tratando de Curitiba e foi fonte essencial para compreender a estrutura arquitetônica da capital paranaense no século XIX e XX e a localização do CMSFP no quadro urbano da cidade.

**Entrevista realizada presencialmente no dia 17 de maio de 2019, no gabinete do Marcelo na Casa da Memória, com duração de 23 minutos.**

**Larissa Nicolosi:** Como Curitiba estava no final do século XIX e início do século XX?

**Marcelo Sutil:** Quando o CMSFP foi criado, algo que a Clarissa fala, foi colocado no alto do São Francisco por medidas sanitárias da época, um processo que não acontecia somente em Curitiba, mas em boa parte do mundo. Acreditava-se que havia os miasmas e as doenças se propagavam pelo ar e os cadáveres dentro das igrejas poderiam provocar doenças. Os cemitérios foram afastados e isso coincide com um período em que começou a se pensar na cidade. As cidades cresceram muito e foram encaradas como patologias, isso no século XVII, mas no XIX foram iniciadas buscas para curar essa patologia - mas não podemos esquecer que isso foi num âmbito europeu, e aqui no Brasil o pensamento foi de “vamos evitar que aconteça aqui o que aconteceu lá fora”. Foi um período em que se copiava muito os modelos de urbanização do exterior, com as determinações, e isso concidentemente veio num momento que a nossa arquitetura começou a mudar, principalmente com a chegada dos imigrantes. Tínhamos uma arquitetura simplificada, ou sobrado ou térreo, sendo ricos nos sobrados e pobres nos térreos, sendo tudo branco. Com a chegada dos alemães, italianos, começaram a trazer a arquitetura europeia, ainda mais nesse período de renovação urbana, com criação de avenidas e fim das ruas estreitas e de estrutura medieval. Era uma nova classe

ascendendo, uma camada média; eles inovaram em muitas coisas, mas buscaram referências históricas no sentido da arquitetura aqui no Brasil. Chamamos isso de arquitetura estética.

Curitiba começou a crescer com essa mistura de estilos. Na mistura do século XIX os alemães começaram a construir de forma diferente, utilizando adornos diferentes para a cidade; na sequência vieram os italianos. Isso não quer dizer que não tínhamos engenheiros e construtoras aqui, mas a gente nota que os imigrantes trouxeram um “frescor novo” para a cidade, influenciando, também novas criações. Foi assim que Curitiba chegou no final do século XIX, com uma arquitetura como o casario da rua XV, prédios como o da câmara municipal - que na época era o prédio da assembleia, a Sociedade Garibaldi ou até mesmo esse prédio que a gente tá. Uma arquitetura bem popular em cima da nossa arquitetura colonial.

Essa arquitetura influenciou o que se fazia nos cemitérios. Construtores de casas também construíam túmulos. O que a Clarissa chama de “Centro Histórico” tem túmulos mais singelos. A medida que você chega no que ela chama de “Batel”, que remete ao início do século XX, com mausoléus enormes, reflete a arquitetura da cidade de Curitiba naquele período. Há uma simbiose entre a cidade e o cemitério.

**LN:** E construir túmulos planejados era mais comum do que imaginamos, né? Era um assunto mais aberto.

**MS:** Sim, naquela época era uma “arquitetura de representação”. As pessoas queriam ostentar e mostrar seu poder na construção de suas casas, não só aqui mas também em São Paulo e no Rio de Janeiro. Havia essa necessidade de diferenciação porque antes era tudo igual, tudo branquinho. As pessoas, então, puderam se diferenciar conforme as decorações foram chegando. E isso foi refletido nos túmulos destas pessoas. Acredito que a morte era vista de forma diferente na época, tem um afastamento. Ninguém morre mais em casa, por exemplo. Houve uma mudança cultural que possivelmente interferiu na forma de cemitério que construímos hoje, como os cemitérios jardins.

**LN:** Como começou essa habitação em Curitiba que foi se aproximando do Cemitério?

**MS:** É o normal das cidades. Começou a expandir. Se você for pegar de 1890 a 1900, Curitiba cresceu cerca de 100% da população. Precisava de espaço. Assim, os imigrantes foram criando colônias e regiões de chácaras que hoje viraram bairros: Abranches, Santa Felicidade, Barreirinha...

**LN:** Qual é a importância do tombamento?

**MS:** Eu acho importante porque no CMSFP você percebe várias fases da história da cidade. É uma arquitetura tumular bastante interessante. É fundamental frisar que não vai ser algo que vai “congelar” o Cemitério. Ele vai continuar permitindo que as pessoas enterrem e encontrem seus túmulos. O que vai acontecer é a criação de critérios para manter a arquitetura de alguns túmulos, não todos. Está sendo feita uma seleção dentre os mais de cinco mil túmulos para um tombamento rigoroso.

**LN:** Você acredita que mais um cemitério de Curitiba possui esse reflexo cultural?

**MS:** Acredito que o Água Verde. Não só pela referência histórica dos túmulos mas também pela importância das figuras que estão lá.

**LN:** Te perguntei porque moro próximo ao Cemitério do Boqueirão e percebo uma diferença tumular bem grande em comparação ao CMSFP.

**MS:** O Água Verde e o CMSFP já existiam no começo do século XX e seguiram as tendências da época. Já o Boqueirão, o bairro em si começou a ser urbanizado nos anos 30, depois que o Quartel foi para lá. O Cemitério foi uma criação posterior, já estávamos com uma arquitetura mais limpa na cidade, *Art Déco*.

## APÊNDICE E - ENTREVISTA COM SANDRA STOLL

Sandra Stoll é professora aposentada da Universidade Federal do Paraná, historiadora, formada pela Universidade de São Paulo. Possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Seu foco de estudo é Antropologia, com ênfase em Antropologia da Religião e Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: religião, performance ritual e narrativas biográficas. As temáticas de Sandra, que percorrem os rituais atuais e com influência espírita, além de obras sobre Maria Bueno, uma das figuras mais importantes e visitadas do CMFSP, colaboraram para a construção da linha de pensamento que percorre os ritos, desta monografia.

### Entrevista realizada por e-mail no dia 18 de maio de 2019

**Larissa Nicolosi:** Como surgiu seu interesse pelo tema dos rituais?

**Sandra Stoll:** Meu interesse pelo Espiritismo, tema de pesquisa de minha tese de Doutorado em Antropologia Social, é que me levou a tratar de questões relativas à representações da morte. Nesse contexto religioso específico a morte ocupa lugar central, é o fenômeno que organiza os pilares da doutrina. Portanto, não são exatamente os ritos fúnebres mas as representações sobre a morte veiculadas pelo Espiritismo que motivam minha pesquisa atual, destacando-se em especial a questão da possibilidade de comunicação entre vivos e mortos. É deste ponto de vista – da comunicação entre vivos e mortos por meio da escrita – que as práticas rituais vêm sendo observadas em minha pesquisa atual.

**LN:** Como você considera a atual cultura da morte no Brasil? Houve mudanças recentes?

**SS:** Dado o recorte específico de pesquisa acima mencionado não me é possível generalizar sobre tendências contemporâneas da “cultura da morte no Brasil”. Porém, observo que a negação da morte, inerente à ideia da imortalidade da alma, encontra forte ressonância social. Se o fato não é novo, certas formas de se

produzir a presentificação dos mortos na vida cotidiana o são. Tome-se como exemplo a possibilidade de se manter ativos na web, por iniciativa de familiares, blogs e/ou diários de pessoas que faleceram. Acender velas pelos mortos em sites virtuais; participar da produção, em espaços públicos, de memoriais coletivos em homenagem aos mortos; produzir blogs visando compartilhamento da experiência do processo de luto, assim como divulgar na internet ou de forma impressa cartas produzidas mediunicamente endereçadas a familiares em processo de luto são exemplos de novos meios de ritualização da memória dos mortos, e, portanto, de produção de sua presença na vida cotidiana. Lembrança, consolo, revolta, protesto... são distintos os significados e os usos destas práticas rituais.

**LN:** Você considera que as visitas guiadas (conduzidas pela Clarissa Grassi - que também é fonte desta tese) também podem ser consideradas rituais e revisitação de memória ou isso só se aplicaria se fosse num âmbito mais pessoal de cada participante?

**SS:** Acredito que esteja se referindo à visitas guiadas à cemitérios com objetivo de chamar atenção do público para processos de espelhamento social, assim como valores religiosos concretizados na distribuição espacial e expressão monumental dos/nos cemitérios. Nesse caso a memória de certos mortos (materializada nos mausoléus e outras construções de caráter ostentatório) diz pouco sobre os indivíduos, na medida em que são ressaltados – por meio dos nomes de família associados a construções específicas – suas posições de classe. Ou seja, o que se evidencia são princípios de hierarquização e distinção social, indiciados seja pela localização dos túmulos, seja pelo estilo das construções. Também as representações religiosas da morte podem ser apreendidas nestas construções, assim como as apropriações populares que eventualmente ocorrem, quando, por exemplo, se promove o culto a determinados mortos considerados “milagreiros”. Nesse caso velas, alimentos, flores e outras oferendas, assim como pedidos e agradecimentos demarcam nesse espaço a dinâmica e a especificidade dos agenciamentos religiosos.

**LN:** Seria certo dizermos que as homenagens em redes sociais são como os cemitérios parque, por, de certa forma, “eufemizarem” a morte?

**SS:** Acredito que a resposta à 2ª pergunta problematiza essa pergunta na medida em que a negação da morte desloca o foco do evento fúnebre para o agenciamento de possibilidades de comunicação e convivência com os mortos. Ou seja, é o período do luto – ritualmente bastante reduzido na sociedade contemporânea – que é problematizado.

**ANEXO 1 – PESQUISA 1**

## Pesquisa de público - visitas guiadas no CMSFP

Meu nome é Larissa Nicolosi e sou formanda de Jornalismo na UFPR. Meu Trabalho de Conclusão de Curso consiste num livro-reportagem sobre o Cemitério Municipal São Francisco de Paula, abordando, principalmente, as visitas guiadas. Este formulário é para conhecer o público que frequenta as visitas e para coletar dados para a pesquisa. Você poderia nos ajudar? Desde já agradeço.

\*Obrigatório

Nome (opcional)

Sua resposta

Faixa etária \*

- 5 - 12
- 13 - 20
- 21 - 40
- 41 - 59
- 60 +

Gênero \*

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não dizer
- Outro: \_\_\_\_\_

### Sobre as visitas

Participou mais de uma vez? \*

Sim

Não

Como ficou sabendo das visitas? \*

Redes sociais

Amigos ou familiares

Televisão

Outro: \_\_\_\_\_

Por que se interessou em participar? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Assinale quais visitas você já compareceu: \*

Tradicional

Noturna

Temática

Você participaria mais vezes? \*

Sim

Não

Talvez



- Sim
- Não
- Talvez

Qualifique o impacto da visita na sua vida (sendo 0 para inexistente e 10 para grande) \*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Qual das palavras melhor definiria sua experiência nas visitas? \*

- Curiosidade
- Novidade
- Medo
- Tristeza
- Alegria
- Calma
- Conhecimento
- Estranhamento
- Outro: \_\_\_\_\_

Você pode nos contar, com suas palavras, sobre o que mais gostou na visita? \*

Sua resposta

Quais temas mais te interessam para abordagem na visita? \*

- Artistas
- Mulheres
- Futebol
- Pioneirismo
- Erva mate e produtividade no Paraná
- História de Curitiba
- Outro: \_\_\_\_\_

## ANEXO 2 – PESQUISA 2

### Pesquisa de público - visitas guiadas no CMSFP

Meu nome é Larissa Nicolosi e sou formanda de Jornalismo na UFPR. Meu Trabalho de Conclusão de Curso consiste num livro-reportagem sobre o Cemitério Municipal São Francisco de Paula, abordando, principalmente, as visitas guiadas.

Este formulário é para conhecer o público que frequenta as visitas e para coletar dados para a pesquisa.

Você poderia nos ajudar?

Desde já agradeço.

**\*Obrigatório**

Nome (opcional)

Sua resposta

Faixa etária \*

- 5 - 12
- 13 - 20
- 21 - 40
- 41 - 59
- 60 +

Gênero \*

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não dizer
- Outro: \_\_\_\_\_

### Sobre as visitas

Participou mais de uma vez? \*

Sim

Não

Como ficou sabendo das visitas? \*

Redes sociais

Amigos ou familiares

Televisão

Outro: \_\_\_\_\_

Por que se interessou em participar? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Assinale quais visitas você já compareceu: \*

Tradicional

Noturna

Temática

Você participaria mais vezes? \*

Sim

Não

Talvez

Qualifique o impacto da visita na sua vida (sendo 0 para inexistente e 10 para grande) \*

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Qual das palavras melhor definiria sua experiência nas visitas? \*

- Curiosidade
- Novidade
- Medo
- Tristeza
- Alegria
- Calma
- Conhecimento
- Estranhamento
- Outro: \_\_\_\_\_

Você pode nos contar, com suas palavras, sobre o que mais gostou na visita? \*

Sua resposta

Quais temas mais te interessam para abordagem na visita? \*

- Artistas
- Mulheres
- Futebol
- Pioneirismo
- Erva mate e produtividade no Paraná
- História de Curitiba
- Outro: \_\_\_\_\_